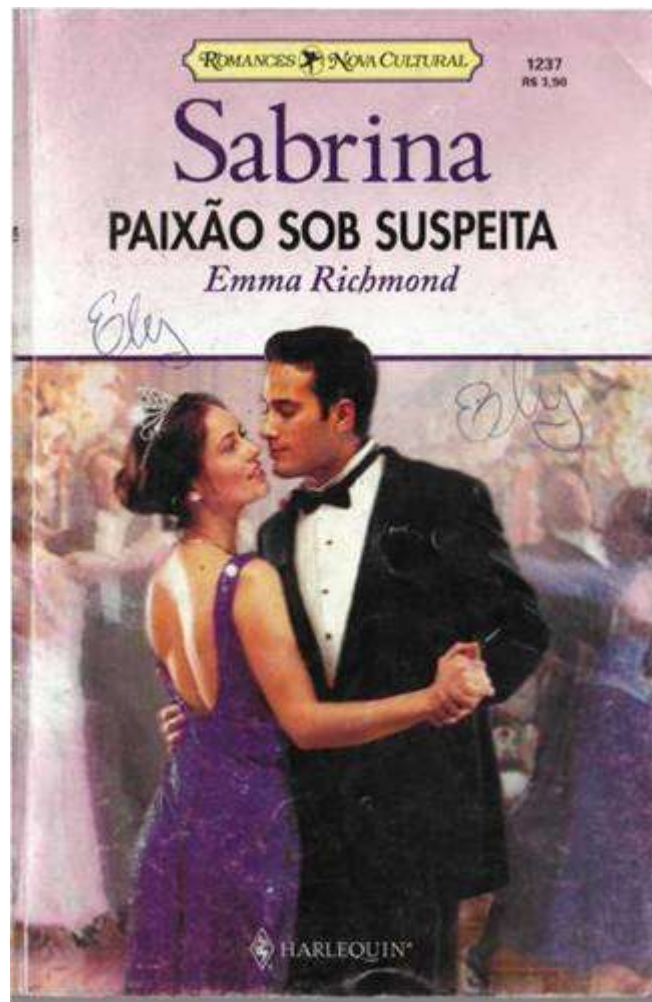




Mulheres de todas as idades se derretiam aos pés de Henry Sheldrake...

Mas o bonitão cínico, e solteiro convicto, não se dignava a olhar para nenhuma delas. Com Githa James, no entanto, foi diferente... Desde o primeiro instante em que a viu, Henry a desejou, e o que ele desejava, conseguia!

Githa, porém, não estava interessada em ser apenas uma amante temporária. Como se não bastasse estar apaixonada por um homem para quem um simples jantar era um relacionamento duradouro, Githa estava sendo perseguida por um maníaco, e embora Henry parecesse disposto a protegê-la, ela não conseguia confiar em sua sinceridade. Githa sabia que Henry queria apenas satisfazer uma fantasia sexual... Mas e se quisesse algo mais que isso? E se sua vida corresse perigo cada vez que se entregasse aos braços daquele homem enigmático e contraditório?...

Digitalização: Simoninha

Revisão: Grasi







Querida leitora,

Neste final de dia, frio, porém de céu limpo, não vejo a hora de chegar em casa, tomar um banho quente, tomar uma sopa bem gostosa e depois deitar debaixo das cobertas com um bom livro! Me considero feliz por ter o trabalho que tenho, por estar em contato constante com os romances, lendo, escolhendo, preparando, escrevendo minhas cartinhas para você, tentando transmitir todo o carinho e entusiasmo com que os romances são tratados aqui na redação. E nada melhor do que, à noite, antes de dormir, mergulhar nas páginas de uma empolgante história de amor!

Copyright © 2002 by Emma Richmond

Originalmente publicado em 2002 pela Silhouette Books, divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.

Silhouette, Silhouette Desire e colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: His Temporary Mistress

Tradução: Eliane Farelli

Editora e Publisher: Janice Florido

Editora: Fernanda Cardoso

Editoras de Arte: Ana Suely S. Dobón, Mônica Maldonado

Paginação: Dany Editora Ltda.





PRÓLOGO

Henry Sheldrake encostou os ombros largos na parede e com um sorriso cínico ficou observando a jovem que iria se apresentar diante das câmeras. Mulher moderna e competente, ela lançara uma campanha milionária de uma famosa empresa de cosméticos. E no momento lhe parecia incapaz de tomar qualquer decisão por si só, o que o surpreendia.

Ele achava que a linda Githa James estivesse sempre segura de si, pelo menos fora essa a impressão que Cindy lhe passara. Dura, implacável e determinada a deixar sua marca no mundo. E, além disso, Cindy gostava dela. Dissera que eram amigas desde os tempos de colégio. Estranho... Ele sempre soubera que a maioria das mulheres não gostava de mulheres bonitas, então, o que havia em Githa James que fazia Cindy gostar dela? E ele? Ela havia lhe inspirado algum pensamento erótico?

Sorrindo, continuou a observá-la. Com olhos castanho-claros, cílios longos, cabelos castanho-escuro e ondulados, não conseguira parar de pensar nela desde a primeira vez em que vira seu rosto nas telas.

Ciente de que estava sendo observada, Githa virou a cabeça. Olhou bem nos olhos dele, que quase sentiu o suspiro sufocado que ela deu antes de virar-se rapidamente.

Você é esperta, Githa, ele aplaudiu em silêncio.

O olhar assustado e as faces vermelhas eram muito mais atraentes do que um flerte direto. Se fossem genuínos, claro. Mas, naquele caso, provavelmente não eram. Nada do que Cindy dissera o fizera acreditar que a linda srta. James era tímida.

E ele a queria. Queria tocar, sentir e provar. Exigente e seletivo, já havia conhecido outras mulheres bem mais bonitas, mas não haviam mexido com ele como Githa. Ela inspirava fantasias. Fazia semanas que Henry a observava, um fato do qual ela tinha pleno conhecimento, e agora, ele pensou, era o momento de conhecê-la. De deixar a fantasia de lado.

Ele não estava particularmente ocupado no momento, e a chance de um encontro no estúdio não era de se desperdiçar. Não se lembrava da última vez em que havia perseguido uma mulher, normalmente eram elas que o perseguiam. Só Deus sabia por quê. Ser bonito e rico não fazia dele uma pessoa melhor. Mas a maioria das mulheres que ele conhecia se interessava principalmente por seu dinheiro.

Você é um cínico, Henry. Sim... E está entediado. Muito entediado...





CAPÍTULO I

— Quem é ele? — perguntou Githa nervosa. — Parece estar em todos os lugares que eu frequento.

— Henry Sheldrake — a assistente respondeu fazendo uma careta — e se eu fosse você ficaria longe dele. O homem é perigoso.

— Por quê?

— Porque é — a outra insistiu.

— Mas quem é ele?

— Um agente literário, e está aqui para segurar a mão de Peter Marshall.

— Peter Marshall?

— O escritor. Ele está sendo entrevistado agora.

— Ah... — Githa murmurou distraída, enquanto continuava a olhá-lo pelo canto do olho.

Alto e magro, reservado, elegante. Cabelos castanhos e sedosos e um ar de infinito tédio. Um homem que ela tinha visto várias vezes nas últimas semanas. Um homem que começava a preocupá-la.

— Tudo bem, podemos ir?

Githa virou-se para a assistente e olhou-a com perplexidade.

— Está na hora de ir — a moça repetiu. — E não se envolva com ele. Esse homem significa encrenca. Ele não gosta de gente.

Acompanhando Githa pelo estúdio, ela lhe deu um tapinha amigável no braço, um sorriso confortante, e a levou em direção à escada que dava para o cenário.

Githa não se lembrava da entrevista, mal se lembrava do que lhe haviam perguntado e o que havia respondido: seu pensamento continuava fixo num homem alto de olhos acinzentados. Um homem que fazia seu coração palpitar.

Quando ela saiu do cenário, ainda com um ligeiro sorriso no rosto, ele esperava por ela. Githa o encarou com o coração disparado.

— Você disse que pretendia escrever um livro — ele afirmou com frieza.

— Como?

— Agora mesmo.

— Eu disse?

— Sim. — O jeito como ele a olhava fizeram com que todos os pensamentos desaparecessem de sua mente.

— Sou agente literário.

— Ah... sim.

Ele lhe entregou um cartão de visita.

— Vamos conversar a respeito. Onde você mora? Githa deu-se conta de que havia dito seu endereço.

Ele balançou a cabeça e afastou-se. Frio, cheio de desdém e arrogância. Mas ela vislumbrara um brilho em seus olhos de... de quê?

Githa não sabia por quanto tempo permanecera ali. Parecera-lhe uma eternidade, e então o som de risadas a tirou do devaneio e ela pestanejou, olhando para o pequeno cartão em sua mão. Henry Sheldrake. Que era perigoso.

— Ainda aqui, Githa?

Girando nos calcanhares, ela fitou a assistente sem expressão no rosto.

— Como?

— Eu só perguntei se você ainda estava aqui. O que é retórico, porque obviamente você está — a moça acrescentou sorrindo. — O que aconteceu?

— Nada — Githa negou automaticamente. — Por que ele é um problema?

— Quem?





— Ele. Henry Sheldrake.

Exasperada, a assistente olhou fixamente para a bela garota diante dela. Pegando seu braço, levou-a até o espelho e a fez olhar para si mesma.

— Por isto, ele é problema! Olhe para você! Tenha nove anos ou noventa, ele arranca o mesmo sorriso do rosto de todas as mulheres que conhece. E isso o deixa entediado!

— É mesmo? — Githa murmurou quase melancolicamente.

— Sim! Não suspire por ele. Não creio que ele se interesse por mulheres. Certamente, pelo que eu ouvi dizer, ele não as trata muito bem. Ele pisa nos sentimentos delas, nas esperanças e aspirações, e as transforma em poeira. Brutalmente. Vá para casa, Githa. Esqueça-o.

Esquecer? Não deixava de ser um conselho sensato, mas ela se perguntava por que se sentia incapaz de segui-lo. Nas vezes anteriores em que o tinha visto, ele nem sequer a olhara. Githa, porém, tinha olhado para ele, e sua mera presença a fazia estremecer.

Olhando rapidamente para assistente, ela viu o sorriso distraído em seus olhos.

— Você também? — perguntou delicadamente.

— Ah sim... Eu também — a outra concordou.

— Na primeira vez em que o vi... — Githa encolheu ligeiramente os ombros —, ele olhou para mim e eu não conseguia desviar os olhos dele. A esperança é eterna, não é? Por um segundo parecia que eu estava numa ilha encantada, onde tudo era possível. Que o carismático Henry Sheldrake iria, indefeso, se apaixonar por mim. E então ele sumiu, foi embora, como se eu nem mesmo existisse. Eu não consegui parar de pensar nele por semanas.

Com um sorriso distraído, ela murmurou:

— Patético, não é? — Deu um longo suspiro. — Bem, preciso ir. Cuide-se.

Githa dirigiu-se ao estacionamento. Alta, elegante, determinada... mas uma fraude, pensava consigo mesma. Porque seu interior não era nada parecido com o exterior. Mas a aparência era o que importava para a maioria das pessoas, e, por causa de seu trabalho, de seu perfil, ela tinha de fingir que era exatamente o que todos pensavam que ela era, afinal era paga para isso.

O estacionamento estava escuro e quase vazio. Com uma rápida olhada ao redor, ela apressou-se até o lugar em que seu carro estava estacionado, num canto isolado. O canto mais escuro. E ouviu passos.

Com o coração acelerado, os olhos muito abertos de medo, ela apertou o passo, assustada. Andava ouvindo passos demais ultimamente, em toda parte. Em calçadas escuras, e até em casa, à noite. Com as mãos trêmulas, ela conseguiu abrir a porta do carro na primeira tentativa, pulou para dentro e travou as portas.

Acelerando, ela manobrou rapidamente para fora da vaga, os olhos fixos no retrovisor. Não havia nenhum carro seguindo-a, então aos poucos foi se acalmando e o enigmático homem de olhos cinza voltou a seu pensamento.

Seguiu para o hotel onde fizera reserva, pediu ao porteiro que guardasse o carro para ela na garagem do subsolo e registrou-se.

Pediu o jantar no quarto e deitou-se cedo, sem conseguir tirar Henry Sheldrake do pensamento. Nunca sentira nada parecido por um homem, nunca desejara alguém com tanta intensidade.

Foi apenas depois de um longo tempo que ela conseguiu dormir.

Githa levantou-se cedo na manhã seguinte, juntou suas coisas e voltou para casa, ansiosa para chegar, tomar um banho demorado, vestir seu velho e macio moletom e dormir um pouco mais.

A visão de um carro de polícia, dois policiais e sua vizinha em pé, em frente a sua casa, quase a fizeram dar meia-volta e procurar outro hotel para passar a noite. Quase.

Ela parou o carro em frente à casa, desceu e olhou fixamente para os três, que a encaravam com expressão séria.

Um dos policiais caminhou em sua direção.





— Srta. Githa James?

— Sim — ela concordou delicadamente. — O que houve? O sorriso do homem mais parecia uma careta.

— É melhor vir dar uma olhada.

Apreensiva, ela o seguiu até a porta de entrada, ao lado da qual as palavras "Trapaceira Miserável" haviam sido pintadas em letras grandes e vermelhas. E, intencional ou não, o efeito era ainda mais apavorante pelo fato de que a tinta vermelha havia espirrado em vários lugares e escorria pelas paredes como sangue.

Por alguns instantes, ninguém disse nada, todos olhando horrorizados para a parede pichada.

— Ele gosta de pintar, não é? — Githa murmurou inadequadamente. — Da última vez foi em amarelo, no meu carro. Na vez anterior, azul na caixa de correio. Quando isso aconteceu?

— Não sabemos exatamente. Uma viatura passou por aqui pouco depois da meia-noite e ainda não estava aí. Sua vizinha nos telefonou há pouco.

— Está piorando, não é? Primeiro os telefonemas, depois cartas repugnantes na minha caixa de correio. E agora este... esta obra de arte.

— E eu não ouvi nada! — Jenny, sua vizinha, exclamou. — Sinto muito, Githa...

— Não é sua culpa. Seria bom saber o que foi que eu fiz, não seria? Que mal eu fiz, e a quem!

— Nos comunique imediatamente se notar alguma coisa ou pessoa suspeita — avisou o policial, inclinando levemente a cabeça e tocando a aba do quepe.

— Obrigada, eu farei isso — disse ela, desalentada.

A vizinha de Githa esperou que os policiais entrassem na viatura e então virou-se para ela, relutante.

— Tinha uma outra pessoa olhando para cá... — avisou ela.

— Como?

— Agora há pouco. Não sei para onde ele foi... mas o carro dele ainda está aí.

Githa olhou na direção do reluzente Mercedes prateado, estacionado um pouco adiante, do outro lado da rua, e deu de ombros.

— Deve ser algum curioso...

— Bem, não me pareceu bem isso — Jenny observou, e Githa ficou surpresa ao ver a amiga ficar corada. — Ele era... bem, era um homem e tanto. Sabe, daqueles que fazem você ficar... de queixo caído? Lindo demais. Mas tinha um certo ar de... de tédio, não sei...

Uma espécie de alarme soou na cabeça de Githa. .

— Tédio?

— Sim — uma voz fria falou atrás delas.

As duas se viraram rapidamente, Jenny embaraçada e Githa estupefata. Seu coração falhou um batimento ao deparar-se com aquele par de olhos cinzentos que a fitavam inexpressivamente.

Ele olhou para a parede pichada.

— Não foram muito gentis, não? — comentou ele suavemente. — Não há nada nos fundos.

Desorientada, Githa olhou para a parede e de volta para ele.

— C... Como?

— Não picharam a parede dos fundos.

Enquanto ele caminhava até a parede e passava os dedos sobre a tinta vermelha, Jenny agarrou o braço de Githa e recuou alguns passos, puxando Githa consigo.

— Você o conhece? — sussurrou ela com voz entrecortada. — Ai, que vergonha! Será que ele ouviu?

Ainda completamente estarecida, Githa limitou-se a sacudir os ombros, sem conseguir desviar o olhar de Henry Sheldrake.

— Quem é ele? — insistiu Jenny.

— Henry Sheldrake — respondeu Githa em tom de voz baixo, para que ele





não ouvisse. — É agente literário.

Então virou-se para a vizinha.

— Obrigada por tudo, Jenny. Nos vemos mais tarde. Ela acenou para Jenny e encaminhou-se para a porta, procurando a chave dentro da bolsa. Sem uma palavra, e sem esperar por convite, Henry a seguiu para dentro.

Tentando ignorá-lo, Githa caminhou apressada pelo corredor estreito até a cozinha, respirando fundo para acalmar as batidas aceleradas de seu coração. Tensa, começou a examinar a correspondência que ficara sobre a mesa da cozinha.

— Posso usar seu telefone? — perguntou Henry polidamente. — Vou ligar para um pintor que conheço e pedir a ele que venha pintar a parede de sua casa.

Githa ergueu o olhar dos catálogos de propaganda que recebera pelo correio.

— Não é necessário — falou com mais frieza do que gostaria, devido ao nervosismo. — Eu mesma posso pintar.

— Não é uma tarefa fácil — insistiu Henry, tirando o fone do gancho e discando um número. — Se me permitir...

— O que você estava fazendo aqui? — interrompeu Githa, intrigada.

— Estava passando — ele explicou, enquanto esperava o telefone ser atendido. — Meu escritório não é longe daqui. Vi o que aconteceu e parei.

— Você acabou de chegar de Manchester?

— Não, vim ontem à noite.

— Queria eu ter vindo antes — ela murmurou com mau humor. — Talvez isso não tivesse acontecido, se eu estivesse em casa. Ou eu poderia ter visto quem foi.

— Sim — concordou ele simplesmente, respondendo em seguida ao interlocutor do outro lado da linha.

Githa o observou em silêncio enquanto ele falava ao telefone sem olhar para ela. Era, sem dúvida, um homem e tanto, como dissera Jenny. Tinha um perfil aristocrático, másculo, modos refinados e ao mesmo tempo um ar distante, frio, quase indiferente. Um homem perturbador... e sedutor também, ainda que não intencionalmente. E não tinha nada que estar ali, se intrometendo em sua vida. Afinal, dissera que *ela* entrasse em contato com ele!

Esperando com ansiedade até que Henry terminasse, afirmou com mais agressividade do que o necessário:

— Você disse para *eu* entrar em contato com você. Recolocando o fone no gancho, Henry se encostou à parede e a encarou.

— Sim.

— E a moça do estúdio disse que você... — Githa calou-se, embaraçada.

— Que eu o quê? — ele quis saber.

— Nada. — Ela deu de ombros.

— Que sou o homem mais odiado de Londres?

— Não! Não! — Tamborilando os dedos distraidamente no tampo da mesa, Githa murmurou: — Ela apenas mencionou que você é agente literário.

— E que sou admirado, invejado, que tenho uma língua afiada e que sou indiferente às críticas?

— Não. — Ela balançou a cabeça. Só dissera que ele era perigoso...

— Não tem a menor idéia de quem possa ter feito aquilo na parede de sua casa?

— Não. — Githa suspirou profundamente, puxou uma cadeira e sentou-se. — Coisas estranhas vêm acontecendo há uns três meses.

Henry enfiou as mãos nos bolsos e esperou que ela continuasse.

— Tudo começou com telefonemas, não diziam nada, eu apenas ouvia uma respiração pesada do outro lado da linha. Depois começaram a chegar cartas anônimas fazendo ameaças, entregas que eu não havia pedido... Depois os passos à





noite, em volta da casa, e então começaram a pintar meu carro, minha caixa de correio... e agora, isso.

— E a polícia não pode fazer nada?

— Não. Eles patrulham a rua com frequência, e vigiam a casa de vez em quando, mas não têm homens suficientes para deixar alguém permanentemente de guarda.

— E se você passar algum tempo fora daqui? — sugeriu Henry, encostando o quadril na beirada da mesa.

— É o que pretendo fazer. Uma amiga me emprestou um chalé, para eu passar uns dias...

— Quem, Cindy?

Githa olhou para ele boquiaberta, e um brilho zombeteiro surgiu nos olhos cinzentos.

— Como eu conheço Cindy? Somos velhos amigos.

— Desde quando?

— Desde sempre. Ela nunca lhe falou de mim?

— Não. — *E não faça isso!*, Githa queria gritar para ele. *Não fale comigo desse jeito provocante quando eu não sei o que você quer, o que você pretende!*

Ele a fitava com uma expressão que Githa não conseguia decifrar. Estaria atraído por ela? Como ela estava por ele? Era difícil dizer... Nenhum homem a havia feito sentir-se tão confusa antes. E ele havia causado o mesmo efeito na assistente do estúdio, que por outro lado lhe dissera que ele não gostava de mulheres.

Aquele homem era um verdadeiro enigma! Githa não conseguia distinguir quando ele falava a sério e quando brincava. Ao mesmo tempo que tinha modos cavalheirescos, parecia estar sempre desdenhando dela, fazendo-a de tola! Por outro lado, a fazia sentir-se também como se fosse a única mulher do mundo com quem valia a pena conversar.

Ela suspirou, confusa.

— Foi Cindy quem lhe disse para entrar em contato comigo? — indagou.

— Não — ele negou, com a mesma voz suave e perturbadora.

— Então por que você o fez? Não espera que eu acredite que foi porque eu respondi à entrevistadora que talvez pensasse em escrever um livro quando concluísse meu projeto atual!

— Não — Henry respondeu com um sorrisinho maroto. — Foi porque quero você.

Githa o fitou chocada.

— Não seja ridículo!

— Por que acha ridículo?

— Porque é! Você não me conhece!

— Mas quero conhecer — ele disse suavemente. — Desde a primeira vez em que a vi, você me provocou uma fantasia que não se desfaz. Eu não pretendia fazer nada em relação a isso, porque as fantasias devem ser mantidas como fantasias. Mas, então, Cindy me disse que conhecia você, que haviam estudado juntas, e então me pareceu que a fantasia poderia, afinal, se realizar...

— Não! — Githa quase gritou, trêmula e com falta de ar. Aquilo não podia estar acontecendo! Aquele tipo de coisa não acontecia, simplesmente não acontecia. Um homem não abordava uma mulher daquela maneira, tão diretamente, ainda mais uma mulher que ele mal conhecia! Ela balançou a cabeça, incrédula.

— E... Cindy sabia que... Ela sabe que...

— Sobre como me sinto em relação a você? — Henry completou a pergunta. — Não.

— Ela pediu que você me desse uma força? — indagou, perplexa.

— Não — respondeu ele enigmático.

— Mas... você disse que a conhece há muito tempo...

— Cindy? Sim. Éramos vizinhos, quando crianças. O clima na casa dela não era dos mais pacíficos, e ela toda hora se refugiava lá em casa. Acabou se tornando como uma pessoa da família.

— Eu sabia que ela era adotada, mas...





— Mas nós não sabíamos que ela tinha uma amiga chamada Githa James até que você fez o comercial da companhia de aviação.

— Não? — ela murmurou, sem saber o que dizer.

— Não. Eu estava em casa, o que raramente acontece. Cindy estava lá, e o comercial estava aparecendo na televisão. Como eu sabia que ela trabalhava para a mesma companhia aérea, perguntei se ela conhecia você. Então ela me contou que vocês estudaram juntas.

— Sim... sempre fomos muito amigas, desde aquela época — Githa confirmou.

— Sim. E agora você é a srta. Varlane, garota propaganda de uma conceituada empresa de cosméticos.

Ela franziu a testa.

— Não é você que está me seguindo, é? Quero dizer, imagino que não seria capaz de fazer isso, mas a verdade é que tenho visto você com frequência nas últimas semanas.

— Meu escritório fica logo depois da esquina. — Henry fez um gesto na direção da rua.

— Então é muito estranho que eu não o tenha visto antes!

— Você acha?

— Sim!

— Olhe, não se preocupe, está bem? Vá para o chalé de Cindy e quando você voltar, conversaremos.

— Eu... estou um pouco fora do eixo no momento. — Githa balançou a cabeça, desalentada.

— Toda essa perseguição, não sei o que eu fiz para alguém ter ódio de mim e querer se vingar dessa maneira...

— Há algo que eu possa fazer para ajudar? — ofereceu ele.

— Não, obrigada. O que eu preciso mesmo é me afastar daqui por algum tempo.

— O pintor estará aqui dentro de uma hora. Ele vai trazer o material, não precisa se preocupar com nada.

— Obrigada — ela murmurou baixinho.

Com um breve sorriso e um aceno, Henry se afastou ao longo do corredor e saiu, fechando a porta da frente atrás de si.

Githa retorceu as mãos, nervosa. Nunca em sua vida um homem lhe provocara sensações tão intensas. Perto dele, ela se sentia feminina, sentia aflorar uma sensualidade que ignorava possuir.

Como um homem como Henry Sheldrake fora se interessar por ela? E por que Cindy nunca lhe falara sobre ele, se eram tão próximos como ele dissera?

Ela e Cindy se conheciam desde os onze anos de idade. Eram duas garotinhas perdidas em um colégio interno enorme e imponente. Duas garotinhas que haviam se tornado grandes amigas. Formaram-se juntas e foram juntas trabalhar em uma companhia aérea como comissárias de bordo. Agora Cindy trabalhava no balcão da empresa aérea, e ela era o rosto do ano, a srta. Varlane, garota propaganda de uma famosa empresa de cosméticos. Não que ela fosse uma beldade, ou do tipo top model, mas era fotogênica. E tivera a sorte de estar no lugar certo, na hora certa.

E agora um maníaco queria puni-la por causa desta mesma sorte. Destruir sua paz de espírito. Mas ela não permitiria que ele a arruinasse. Tivera a grande chance de sua vida. Um trabalho inacreditavelmente rentável, que lhe possibilitara comprar aquela casa e fazer coisas com as quais jamais havia sonhado.

E agora, ali estava Henry, dizendo que a queria, quando era ela quem o queria desesperadamente!

Githa fechou os olhos e balançou a cabeça, desnorteada. Não conseguia entender mais nada, nem mesmo o que estava acontecendo consigo mesma.

Com um profundo suspiro, olhou para a correspondência espalhada sobre a mesa. Não parecia haver nada ameaçador, nenhuma carta grosseira com injúrias. Desde que aquele tormento começara, às vezes vários dias se passavam sem que nada anormal acontecesse. Outras vezes, as ameaças aconteciam mais de uma vez por dia.





Githa tinha a esperança de que, se fosse passar algum tempo no chalé de Cindy, em Shropshire, quem quer que fosse que a estava perseguindo acabasse se cansando e a deixassem em paz.

Com esforço, ela se levantou, pressionou o botão da secretária eletrônica, ouviu as mensagens e rapidamente retornou as ligações. Não havia nenhum recado de Cindy. Tentou ligar para ela, mas ninguém atendeu. Tentaria novamente mais tarde, ou no dia seguinte.

Com o rosto ainda mostrando sinais de preocupação e cansaço, ela saiu para pegar a mala no carro, evitando olhar na direção das letras grotescamente pintadas, e carregou-a até seu quarto. Ela adorava aquele quarto, pequeno mas aconchegante, o seu refúgio, que ninguém iria lhe tirar.

Colocou a mala no chão ao lado da cama, foi para o banheiro, despiu-se e entrou debaixo do chuveiro, onde permaneceu por um longo tempo, com os olhos fechados, sentindo a água deliciosamente quente escorrer por seu corpo.

Quando finalmente fechou a torneira e se enrolou na toalha, parou para examinar seu rosto diante do espelho. Sorriu e depois fez uma careta. Ela não se achava bonita, mas também sabia que não era feia. Tinha olhos grandes e expressivos, um sorriso meigo, a pele macia. Assim como estava, com os cabelos molhados e sem um pinga de maquiagem, em nada se assemelhava à jovem cujo rosto se tornara mundialmente conhecido, em páginas de revistas, *outdoors* e comerciais de televisão. Se vestisse uma roupa qualquer e saísse à rua, ninguém a reconheceria. Algumas pessoas às vezes comentavam que ela era parecida com a srta. Varlane, e ela ria, como se repudiasse a idéia, porque não queria que ninguém soubesse.

Githa não entendia muito bem como ocorria a transformação, a verdade é que, depois de toda a produção de cabelos e maquiagem, diante da câmera fotográfica ela parecia diferente, mais sedutora, sexy, iluminada. Não que ela gostasse de ser o centro das atenções, havia ocasiões em que não via a hora de se livrar dos fotógrafos e ir correndo para casa trocar de roupa e lavar o rosto e os cabelos. Ela não planejara aquilo, simplesmente acontecera, e era algo que não podia se dar ao luxo de recusar.

E agora havia Henry. Mais uma complicação em sua vida já tão atribulada. Githa estremeceu ao lembrar as palavras dele sobre a fantasia. Uma onda de calor tingiu-lhe o rosto e o pescoço de vermelho. Ela terminou de se enxugar, amarrou os cabelos com um elástico e passou creme hidratante no rosto. Em seguida vestiu uma calça confortável de algodão e uma camiseta e começou a desfazer a mala, separando a roupa para lavar.

Quando o pintor chegou, ela saiu para agradecer por ele ter vindo tão rápido e ofereceu-lhe uma xícara de chá.

— Isto acontece toda hora — comentou ele, devolvendo-lhe a xícara vazia. — A senhorita não acreditaria no tipo de coisa que esses delinquentes escrevem nas paredes. Quer que eu conserte esta lâmpada?

— Não, obrigada. Ela brilha direto na janela da minha vizinha, do outro lado da rua, portanto a deixo sempre desligada. Não que seja de grande utilidade. As pessoas se acostumam, até com os alarmes. Depois de algum tempo, ninguém mais se preocupa.

Em pouco tempo a parede ficou como nova. Githa pagou e despediu-se do rapaz, agradecendo novamente.

Na manhã seguinte, quando levava a mala para o carro, sorriu ao avistar Cindy correndo em sua direção.

— Olá! — ela exclamou quase sem fôlego, inclinando-se por alguns segundos sobre a cerca da casa de Githa. — Dormi demais!

Ela deu um sorriso e olhou para a mala.

— Você já está indo?

— Sim.

— Que bom. Sabe direitinho como ir? Anotou o número do telefone de emergência?





— Sim. — Githa sorriu novamente. — E por que você está a pé? Onde está seu carro?

— Na oficina.

— Quer uma carona? — ofereceu Githa.

— Sim, na verdade vim correndo para ver se pegava você a tempo. Do contrário, chegarei atrasada no trabalho.

Depois de ajudar Githa a acomodar a mala no porta-malas, Cindy sentou-se no banco do passageiro e abriu a bolsa.

— Não tive tempo nem de passar batom — observou, segurando o pequeno estojo com espelho na frente dos olhos, enquanto Githa se juntava ao congestionado tráfego de Londres. — Como foi em Madrid? E a entrevista na televisão?

— A viagem foi cansativa e a entrevista foi enervante — Githa respondeu bem humorada.

— Bem feito! Como estou?

— Ótima, como sempre, embora eu não saiba como você consegue se maquiar com o carro em movimento.

No instante em que Githa parou o carro junto ao meio fio diante do aeroporto, Cindy não só havia se maquiado com perfeição como também amarrara artisticamente o lenço do uniforme no pescoço.

— Vejo você quando voltar. Divirta-se.

— Sim, e obrigada mais uma vez. Nem sabe como isso está sendo importante para mim...

— Não me agradeça! Para que servem os amigos, afinal?

Com um último aceno, Cindy caminhou em direção à entrada do aeroporto e Githa juntou-se novamente ao tráfego, em direção à estrada que ligava Londres a Shropshire.

Depois de seguir as precisas orientações e instruções de Cindy, comprou alguns mantimentos no pequeno supermercado da cidade e pegou a estrada estreita e acidentada em direção ao chalé. Nunca estivera lá antes, e esperava estar indo para o lugar certo. A construção que ela via despontando entre as árvores a sua frente não se parecia muito com uma casa de campo. Era elegante demais!

Ela já havia feito papel de boba no supermercado, emocionando-se ao ver uma garotinha chorando em silêncio, apenas as lágrimas rolando pelo rostinho triste. Não conseguira se conter e começara a chorar também, na frente da moça que operava o caixa e que olhara para ela com expressão surpresa. Se aquela fosse a casa errada, faria papel de boba novamente.

A casa ficava no sopé de um morro íngreme, coberto de vegetação, e de frente para o vale. Githa estacionou diante da entrada principal e avistou um rebanho de ovelhas, não muito distante, pastando tranqüilamente numa propriedade próxima, cuja sede dava toda a aparência de estar abandonada. Era uma casa muito antiga, e não se ouvia um único som ou movimento, nenhuma voz, nenhum carro, música, nada.

Encontrando a chave que Cindy lhe dera, ela abriu a porta e entrou no chalé mergulhado na penumbra. Era bastante espaçoso, com uma ampla sala de estar com lareira, sala de jantar e uma cozinha moderna e agradável. Havia também um lavabo, e no andar superior havia três quartos grandes e um banheiro. Ali, pensou Githa com alegria, ela poderia ser ela mesma durante duas semanas! Nada de maquiagem, de roupas de grife, de maníacos. Apenas paz. Uma paz que ela precisava muito.

Nos dias que se seguiram, Githa explorou as imediações em uma velha bicicleta que havia encontrado no galpão, foi de carro até a agradável cidadezinha de Ludlow, conheceu o fazendeiro, visitou o barzinho local e comprou lenha para reabastecer o estoque. No sábado à tarde, de calça jeans, suéter de lã e tênis, ela estava alegremente catando gravetos para acender o fogo na lareira...

quando percebeu que estava sendo observada.





CAPÍTULO II

Githa deu meia-volta rapidamente e perdeu o equilíbrio, mas foi amparada por duas mãos fortes e em seguida viu-se pressionada contra a parede de madeira do abrigo para lenha. Tudo aconteceu tão depressa que ela nem sequer teve tempo de pensar o que poderia estar acontecendo. Com os olhos arregalados, viu-se encarando Henry Sheldrake e imaginando se aquilo estava de fato acontecendo ou se estaria sonhando.

— Você me assustou — disse ela, ofegante, imediatamente ciente da proximidade do corpo masculino e do calor das mãos em seus ombros.

— Desculpe-me — ele murmurou, fitando-a nos olhos. Githa engoliu em seco.

— O que está fazendo aqui? Você disse que iríamos conversar quando eu voltasse!

— Eu disse?

— Sim! Não me diga que veio para ficar na casa de Cindy! — exclamou, horrorizada.

— Não. — Henry fez um gesto com a cabeça na direção da velha casa na encosta da colina.

— Estou no solar.

— Solar? — ela repetiu surpresa.

— Não me diga que já não investigou — ele zombou.

— Bem, sim. Quero dizer, eu sei que há uma casa lá, mas não cheguei muito perto. Me pareceu abandonada.

— Eu moro lá.

— Mora lá? — Ela franziu a testa, cada vez mais atônita.

— Sim. E não empresto leite nem açúcar — ele avisou suavemente.

— Não empresta... Oh!

Henry sorriu e em seguida afastou um cacho de cabelo da testa de Githa. O toque gentil a deixou arrepiada.

— Desde quando você... está lá?

— Cheguei ontem à noite. Vim agora do centro, fiz uma caminhada até lá.

— A pé? — Githa espantou-se. — São mais de seis quilômetros até o centro...

— Sim, eu fui e voltei — Henry confirmou.

Ele devia estar em ótima forma, pensou Githa, sem desviar os olhos dos dele, como que hipnotizada.

— O que você estava fazendo? — ele perguntou.

— Eu?

— Sim, você.

— Eu... estava catando gravetos para acender o fogo. — Com um gesto determinado, Githa desvencilhou-se das mãos de Henry e deu alguns passos para longe dele, prosseguindo com sua tarefa. Esperava parar de tremer antes que ele percebesse.

— Eu falei com Cindy — murmurou, olhando atentamente para o chão.

— Aqui?

— Não. No dia em que vim para cá. Eu dei a ela uma carona até o aeroporto.

— Githa...

— Sim?

— Olhe para mim.

Quando ela se virou, Henry estava a menos de um passo de distância, fitando-a intensamente. Paralisada, com o coração batendo loucamente, ela o viu aproximar-se mais e segurar-lhe o queixo, detendo o olhar em sua boca.

— Henry, não...

— Você sabia que isto estava para acontecer. Desde a primeira vez em que nos encontramos, você sabia.

Githa olhou para ele desamparada. Não costumava reagir daquela forma, tímida,





insegura... Queria não só beijar Henry Sheldrake como também entregar-se inteiramente a ele. Nunca sentira um desejo tão intenso, e queria viver a experiência de estar com aquele homem que lhe despertava sensações tão fortes e desconhecidas.

Lentamente, ela inclinou a cabeça para trás e entreabriu os lábios, oferecendo-os a Henry. Quando ele lhe tomou a boca na sua, Githa entrelaçou os braços ao redor do pescoço dele e enterrou os dedos nos cabelos macios.

Henry enlaçou-a pela cintura e puxou-a para si, pressionando-a contra o corpo rígido. De repente, o mundo parou de rodar, não existia mais nada a não ser eles dois, abraçados, as línguas se tocando, se explorando. Todos os sons desapareceram ao redor deles, o zumbido do vento frio, o balido das ovelhas, o canto dos passarinhos.

Githa sentiu-se envolvida por uma intensa onda de calor, que se transformou num frio cortante e uma sensação de vazio quando Henry interrompeu o beijo e se afastou.

Ficaram se olhando por alguns momentos, e depois ele desviou o olhar, empurrando-a gentilmente e caminhando até um tronco caído na relva.

Githa não sabia o que fazer ou dizer.

— Você... Você me assusta — disse ela por fim, quase num sussurro. Eu... Isso nunca aconteceu comigo... Quero dizer, a gente conhece alguém, simpatiza, sente atração... mas é um sentimento que cresce aos poucos, à medida que se conhece melhor a outra pessoa. Com você... foi tão rápido, tão... repentino! Não sei como lidar com você, Henry.

Ele deu um sorriso de lado.

— Nem eu tenho certeza se sei lidar comigo mesmo.

— Como?

Ele sentou-se no tronco e apoiou uma perna no outro joelho.

— Você se tornou uma obsessão, srta. James. Desde que Cindy me contou quem você era, eu vivo assombrado por você. Não cansava de olhar para você nos anúncios, nos *outdoors*, na tevê... E quando a conheci pessoalmente, tive certeza de que aquele sentimento não iria desaparecer. Eu queria você.

— Mas eu sou muito diferente do que pareço na televisão — observou ela, meio sem jeito.

— Não, você é sensual, agressiva...

— Eu não sou agressiva! — ela protestou com veemência. Henry arqueou uma sobrancelha e Githa enrubescou.

— Não costumo ser — emendou mais calma. — É que ando um pouco estressada ultimamente.

— O fato é — concluiu Henry, com um suspiro —, que eu olho para você e quero tê-la. E mesmo quando não olho para você, eu a desejo. E você sente a mesma coisa. Ou não?

— Eu... não sei. Não estou me sentindo muito bem.

— Por minha causa?

— Não. Acho que comi alguma coisa que não me fez bem. Estou me sentindo... enjoada. Com o estômago embrulhado.

— Ela abaixou a cabeça e descansou a testa sobre os joelhos, engolindo em seco.

— Não é esse efeito que eu costumo causar nas mulheres — disse Henry com um leve sorriso.

— Eu sei — Githa balbuciou, lembrando-se da garota no estúdio e de Jenny.

Ele colocou a mão em sua testa.

— Vou levá-la para casa. — Ajudando-a a ficar em pé, colocou o braço ao redor dela para ampará-la. — Consegue andar?

— Sim — respondeu ela baixinho, sentindo a cabeça rodar. — Não estamos indo na direção errada? — perguntou em seguida.

— Não, estamos no caminho certo.

— Eu não quero ir para a sua casa.





— Mas é para onde você vai.

— Eu não posso...

— Shh — ele interrompeu o protesto de Githa. — Relaxe, garota.

A voz grave de Henry parecia ter um efeito hipnótico sobre ela. Embora apreensiva, deixou-se conduzir na direção do antigo solar. O que à distância parecia ser uma casa em ruínas, de perto era uma residência imponente e em excelente estado de conservação.

— Quando esta casa foi construída?

— No século XIII — informou ele, ainda com a mão no braço de Githa. — Foi restaurada depois da Guerra Civil, e minha família tem feito várias reformas, desde então.

— Há quanto tempo ela pertence a sua família? — Githa quis saber.

— Há pelo menos três séculos.

Githa olhou maravilhada para a imponente construção, imaginando quantas coisas teriam acontecido ali, quantas alegrias, tristezas, emoções e paixões ao longo de todos aqueles anos.

— Sente-se melhor? — indagou Henry.

— Um pouco. Talvez seja síndrome do pânico.

— Não precisa ter medo — assegurou ele, enquanto a conduzia o longo de uma passagem lateral em direção à entrada dos fundos.

— Mas eu tenho — declarou ela, sem fitá-lo.

Henry sorriu e abriu a porta dos fundos, que não estava trancada. Atravessaram uma espécie de depósito, repleto de ferramentas, material de jardinagem e outros apetrechos. Henry abriu uma porta de vaivém e Githa viu-se numa cozinha imensa, com pé direito muito alto, mas evidentemente reformada e modernizada. No mesmo instante, dois cães surgiram correndo e latindo alegremente.

— Eles não mordem, não se preocupe — Henry a tranquilizou. — Estão se sentindo solitários, com a família fora por uns dias.

— Família?

— Minha mãe e o marido dela, meu padrasto — explicou ele.

— Então você veio para cuidar deles?

— Sim. — *E para seduzir minha nova vizinha*, os olhos dele pareciam dizer.

Githa olhou fixamente para os dois cães sentados, um pastor alemão, muito atento e alerta, e um *collie*, que parecia apenas ansioso.

— Quer tomar alguma coisa? — ofereceu Henry, hospitaleiro. — Tem café e chá prontos, ou água, se quiser.

— Aceito um copo de água, obrigada — ela murmurou fraca.

Henry abriu a geladeira, pegou a garrafa de água e entregou-a a Githa, juntamente com um copo.

— Fique à vontade — disse ele. — Se quiser se refrescar, ou mesmo tomar um banho, é a primeira porta logo no topo da escada. A sala de estar é aqui. — Ele indicou uma porta. — Vou dar de comer aos cachorros.

Confusa e nervosa, Githa entrou numa sala que parecia pertencer a outro tempo. Tudo naquele aposento era voltado para o conforto, e não para o estilo. A mobília era muito antiga, fazendo com que a televisão de vinte e nove polegadas a um canto parecesse deslocada.

O fogo estava quase se extinguindo na lareira, e Henry afastou a tela protetora para colocar mais lenha. Havia fotografias no console, no piano, em qualquer superfície disponível. Era uma sala grande, desordenada, simples.

Githa deixou-se afundar no sofá e olhou fixamente para o fogo, enquanto bebia a água em pequenos goles. Por que ele sugerira que ela tomasse banho? Oh, Deus, o que ela estava fazendo ali?

Ela queria Henry, como o queria! Com uma intensidade que nunca tinha sentido antes. Queria-o dentro dela, e sentiu o calor se espalhar pelo seu corpo só de pensar nisso. Mas aquilo não era amor, era apenas desejo. Atração. Eles mal se





conheciam, mal haviam trocado algumas palavras!

Githa não era totalmente inexperiente, mas nunca havia se sentido daquela maneira em relação a um homem. Desejava Henry desesperadamente, mas não estava preparada para viver uma experiência tão intensa. Tudo o que ele queria era realizar uma fantasia, ele mesmo confessara isso. E ela? Como se sentiria depois?

Com um profundo suspiro, e aliviada ao se dar conta de que o mal-estar passara, ela recolocou a tampa na garrafa de água e saiu por uma das enormes janelas baixas. Com passos apressados, tomou o caminho de volta para o chalé.

Qual seria a reação de Henry quando descobrisse que ela fugira? Bem, qualquer que fosse, ela já estaria a salvo no chalé, e não abriria a porta para ele. Até o dia seguinte, pensaria em que atitude tomar.

Githa entrou no chalé e foi diretamente para a cozinha preparar uma xícara de chá. Não se sentia segura como imaginara. Devia ser ainda um reflexo de todas aquelas semanas de apreensão, de sentir-se perseguida e visada. Engoliu rapidamente o chá e subiu para o banheiro. Tirou a roupa, enfiou-se debaixo do chuveiro e tomou um banho rápido. Enrolada num roupão felpudo, foi para o quarto e quase morreu de susto ao deparar com Henry.

Num misto de surpresa e desconfiança, o coração disparado, olhou-o fixamente, sem fala.

— Como está se sentindo? — ele perguntou...

— Bem melhor, obrigada — ela conseguiu responder.

— Tão formal...

— Henry...

— Shh... Você fala demais. — Alcançando-a, ele a puxou para si, olhando para seu rosto ansioso. — Eu te quero.

Desamarrando o roupão, ele passou os braços pela cintura do Githa e segurou o corpo quente dela contra o seu.

— Você me deixa louco — ele sussurrou com voz rouca. — Só de pensar em você eu fico louco! Quero ver você nua...

— Henry...

— Seu corpo é quente, macio, gostoso, e eu quero senti-lo encostado no meu, pele com pele!

— Henry, nós não nos conhecemos!

— Não — ele concordou, sem desviar o olhar penetrante do rosto dela. — Não sou promíscuo, não sou um devorador de mulheres. Na verdade, estou sozinho há algum tempo porque a maioria das mulheres não me interessa. Mas de vez em quando aparece uma que desperta meu interesse. Uma mulher que me excita. Do jeito que você me excita. E eu quero fazer amor com você. Agora. E você também quer. Não quer?

— Não sei — ela admitiu sem muita convicção, embora seu corpo clamasse pelo dele. Assim mesmo conseguiu desvencilhar-se com um gesto brusco e cobriu-se com o roupão. — Você me faz sentir como nunca me senti antes. E me comportar como nunca me comortei antes. E também me sentir inadequada.

— Faça?

— Sim.

— E você sabe como me faz sentir? Ela negou com a cabeça.

— Fora de controle.

— Henry, tudo está acontecendo depressa demais! Eu não conheço você!

— Faça de conta que conhece — ele replicou, segurando-a pelo braço e aprisionando-a novamente, deixando-a sem forças para resistir.

Inclinando a cabeça para trás, Githa fechou os olhos, desamparada. Sabia que aquilo era uma loucura, mas aquele homem a deixava fora de si.

— Henry... — ela fez um último apelo, porém ele a ignorou. Trazendo-a para mais perto, ele afastou uma mecha de cabelos do rosto dela e cobriu-lhe a boca com





a sua, num beijo voraz.

Naquele momento, Githa sabia que estava entregue. Não havia mais volta, sua capacidade de raciocinar e seu bom senso estavam em algum ponto muito distante e inatingível, dentro de seu cérebro, e as sensações que Henry lhe despertava a dominavam com uma intensidade assustadora.

As mãos dele percorriam seu corpo quase totalmente exposto pelo roupão desamarrado, e ela mal teve consciência de Henry se despiando e conduzindo-a para a cama. Era como se estivesse numa espécie de sonho, vivendo uma fantasia que até então não julgara ser possível.

Githa não saberia dizer mais tarde quanto tempo permanecera nos braços de Henry. Parecera um segundo que durara uma eternidade. Ela perdera a noção de tempo e de realidade, e agora, deitada ao lado dele, o corpo saciado, letárgico, molhado de suor, não conseguia conter as lágrimas.

Emoções contraditórias a atormentavam, de um lado uma plenitude que jamais sonhara existir, de outro um vazio imenso, pela consciência de que se entregara a um homem que apenas quisera realizar uma fantasia sexual.

Sentia-se usada, humilhada, indignada.

E toda a sua determinação de afastar-se definitivamente de Henry falhou dali a poucos minutos, quando ele a possuiu mais uma vez.

Nos dois dias que se seguiram, Henry ensinou a Githa experiências que ela havia tido, mas que nunca imaginara ser capaz de praticar, e muito menos sentir uma ânsia tão forte de experimentá-las. Ele passou a ter o efeito de uma droga em sua corrente sanguínea, e quando não estava por perto, ela sentia as reações da abstinência. Sentia-se enfraquecida, ansiosa, contando as horas, os minutos, para que ele voltasse do solar, quando ia trocar de roupa, alimentar o exercitar os cães ou ler manuscritos.

Revoltava-se com aquela dependência, esforçava-se para ser racional, tentava reunir coragem e amor-próprio para não submeter-se, mas quando o via diante de si, toda a força do vontade ia por água abaixo.

Sabia que deveria ser diferente, que deveria haver conversas, risadas, gestos carinhosos. Sentia falta do envolvimento emocional por parte de Henry, mas tornara-se escrava dele, uma escrava devotada, dócil e submissa.

— O que você quer de mim, Henry? — perguntou claramente, quando ele entrou na cozinha do chalé depois de uma caminhada com os cães.

Ele respondeu após uma breve hesitação.

— Não pensei sobre isso — falou, encostando-se na pia de mármore. — Por quê?

Githa sentiu um aperto no coração.

— Não sei. — Ela deu de ombros, sem conseguir disfarçar o mal-estar e a contrariedade.

— O que você quer? — Henry retrucou. — Uma declaração de amor eterno?

— Não — ela murmurou, engolindo em seco. Seria degradante demais começar a chorar! — Mas... não acha que falta alguma coisa no nosso relacionamento? Risos, carinho... não sei.

— Eu não sou muito risonho — Henry falou num tom de voz levemente zombeteiro. Depois de uma pausa acrescentou: — Me fale sobre a companhia de aviação. Com é ser aeromoça? Namorou todos os pilotos?

A provocação fora feita em tom bem-humorado, mas Githa balançou a cabeça sem sorrir.

— A maioria é casada.

— E isso é empecilho? — Henry perguntou com naturalidade.

— Não. Mas eu não me envolvi com nenhum deles.

— Nunca fantasiou com nenhum deles, Githa?

— Não.

— E então você ficou famosa, e eles tinham um pouco de medo de você. Ela o fitou com ar de censura.

— Não seja ridículo. Tudo que fiz foi tomar a frente da campanha da





companhia aérea.

— Tudo? Foi uma oportunidade de ouro para você fazer seu nome.

— Sim, mas não foi por isso que comecei. Não era o que eu queria, o que eu pretendia.

— Não era? — Henry perguntou com um certo cinismo.

— Não! Você faz parecer uma coisa calculada, e não foi. Foi tudo realmente por acaso. Eles perguntaram para todas as aeromoças se queria fazer um teste para um comercial de televisão, porque preferiam que fosse alguém da empresa que aparecesse na propaganda, ao invés de uma modelo paga.

— E você foi aprovada em primeiro lugar?

— Não. Eu não quis fazer o teste. Mas apareci acidentalmente quando estavam filmando a aeronave. Eu nem tinha me dado conta de que havia uma equipe de filmagem por ali.

— E então gostaram do resultado...

— Sim — admitiu Githa. — Acharam que eu era fotogênica, que tinha o perfil para fazer o anúncio, e me propuseram que representasse a companhia nas propagandas. A princípio eu recusei, mas o presidente foi pessoalmente me pedir que aceitasse, e não tive coragem de dizer não.

— E então a empresa de cosméticos chamou você — concluiu Henry.

— Sim. Fizeram uma proposta irrecusável. E tudo aconteceu realmente por acaso, porque eu que estava naquele lugar, naquela hora.

— E nada de grandes paixões com nenhum piloto?

— Não. Nada de grandes paixões. Nem mesmo um leve flerte. Só tive um namorado, Matthew, que conheci numa festa. Ficamos juntos durante um ano. — Githa suspirou. — E você?

— Sem grandes paixões, também. Acho que eu nem mesmo acreditava que isso existisse... até conhecer você.

Ela baixou o olhar, enrubescendo.

— Mas o que é paixão para você? — perguntou. — Quero dizer, sentimos atração um pelo outro, mas não nos conhecemos realmente. Eu não sei do que você gosta ou não gosta, o que pensa, o que sente. Você se mantém distante, e seu jeito aristocrático de falar faz parecer que você se sente superior.

— Eu sei — ele concordou, com um sorriso zombeteiro. — Nem eu sei exatamente como sou. Sempre fui um pouco desligado... Egoísta? Arrogante? Talvez. Acho que não sinto as coisas com muita intensidade, com muita exaltação. Não gosto de mentiras. Gosto da minha própria companhia, das minhas próprias idéias. Já gostei de algumas pessoas, mas nunca me apaixonei. Vou até o fim do mundo para ajudar um amigo, mas não permito que ninguém abuse ou se aproveite de mim. E gosto de fazer amor com você.

— Mas você não iria se abalar se terminasse, iria? — perguntou, apreensiva. — Não iria implorar para eu voltar, se eu fosse embora?

Olhando para ela, observando a tristeza estampada em seu rosto tão amável, Henry respondeu com honestidade:

— Não, eu não imploraria. E você, Githa?

— Não. Acho que não sou do tipo de pessoa que implora. Mas eu sentiria sua falta. E isso iria doer. Sempre imaginando como poderia ter sido. Mas talvez eu pense demais. Queira demais.

— O que é melhor do que querer pouco.

— Sim. — Olhando para Henry, fitando os olhos desprovidos de expressão, Githa sentiu uma necessidade premente em seu íntimo. Aquele desamparo, aquela ansiedade que pareciam nunca ter fim. — Faça amor comigo, Henry — pediu.

Os olhos dele escureceram, brilharam, e ele deu um leve sorriso.

— Porque tenho alguma serventia?

— Não. Porque... Porque parece que isso é tudo que existe entre nós.

Ela deu meia-volta e começou a afastar-se, porém Henry a alcançou e forçou-a a virar-se de frente para ele. Aprisionando-a nos braços fortes.





CAPÍTULO III

— Aqui? Agora? No chão da cozinha? — Henry perguntou brutalmente. Githa de repente se assustou, porque ele parecia tão perigosamente sexy, e ao mesmo tempo um completo estranho. Ela balançou a cabeça, com uma súplica no olhar.

Henry a ignorou, puxando-a, fazendo-a cambalear e deitando-a no piso frio de cerâmica. Deitou-se sobre ela, desabotoou-lhe a blusa, imobilizando suas mãos acima da cabeça quando ela tentou impedi-lo, expondo-lhe os seios.

— Henry, não!

— Sim.

Debruçando-se sobre Githa, ele cobriu-lhe a boca com a sua e sugou-a lentamente, provocando gemidos de prazer. Depois levantou o rosto e a fitou, maravilhado com a visão dos cabelos espalhados no chão.

— É isso que você quer, não é, Githa? — murmurou com voz rouca e sensual. — É o que nós dois queremos. Você me deseja e eu te desejo. E é isso o que aparece diante das câmeras. Sua sensualidade, o seu "eu" escondido. O "eu" que você não deixa aparecer, porque te assusta. Não sou eu que te assusto, Githa, é você mesma. E você tem medo de libertar este seu lado, tem medo de deixá-lo vir à tona.

— Não! — Ela balançou a cabeça com veemência.

— Sim — insistiu Henry, deitando-se ao lado dela no chão da cozinha, a cabeça apoiada no cotovelo dobrado. — Existe uma pessoa gloriosa, desinibida, presa aí dentro. E ela quer sair, quer ser livre. Você se sente culpada quando fazemos amor, e procura argumentos para justificar essa culpa. Relaxe, Githa. São poucas as pessoas que sentem o mesmo que você.

— Você não sente.

— Não, mas também não me reprimo.

— Mas você é homem. Isso já é esperado dos homens. Não é esperado de uma mulher.

— Bobagem. Não estou dizendo para você ser promíscua, para dormir com qualquer homem que se insinue para você. Estou dizendo para você aproveitar o que tem. Para parar de se sentir culpada por querer sentir prazer.

— Com você.

— Sim. Comigo.

— Você... não sente nada por mim?

— Claro que eu sinto. Sinto atração, desejo...

Githa mordeu o lábio inferior, desconcertada. Henry não a enganava, era honesto com ela.

— Seus pais morreram quando você era bebê, não foi? Cautelosa, ela confirmou com um gesto de cabeça.

— Como os de Cindy — continuou ele. — E você foi criada por uma tia?

— Sim.

— Ela era religiosa?

— Religiosa? Não... Quero dizer, não era uma beata.

— Era solteirona?

— Sim, mas...

— Ela era moralista, Githa? Githa desviou o olhar.

— Sim, era — admitiu.

— Então, você se sente culpada porque sente atração e desejo e vontade de ter prazer sem a bênção do casamento. Sentia-se culpada com seu namorado também?

— Não — ela respondeu duramente.

— Porque estava apaixonada por ele? — ele perguntou com mais delicadeza.

Githa pensou por um momento. Gostara muito de Matthew, mas nunca sentira com ele nada que se comparasse ao que sentia nos braços de Henry. Por





outro lado, sempre tivera certeza do afeto e carinho que Matthew nutria por ela. Com Matthew, ela se sentia à vontade. Despreocupada.

— E não está apaixonada por mim, não é? — prosseguiu Henry, diante do silêncio dela. — E então as culpas da pequena Githa afloraram.

— Mas... não consigo encarar um relacionamento sexual da mesma forma que você, sem sentimento, sem...

— Não seja tola.

— Como, "não seja tola"? O que isso significa, que você sente, afinal, alguma coisa por mim?

— Claro. Não sei por que nunca me ocorreu que você fosse vulnerável, insegura. Porque você é, não é?

— Só com você, eu acho.

— Diante das câmeras você parece sofisticada, sedutora, seus olhos insinuam possibilidades excitantes. Longe das câmeras você pode parecer elegante, experiente, como se soubesse tudo sobre... joguinhos de sedução.

— É disso que se trata, então? Um jogo? — ela perguntou tristemente.

Henry sorriu e balançou a cabeça.

— Não... É um desejo muito forte, apenas isso. E desde que você veio para cá, parece uma garota sapeca, uma companhia divertida.

Githa suspirou.

— Eu era uma companhia divertida... mas nos últimos meses...

— Tem sofrido muita pressão. Muita preocupação. Mas você é jovem, forte e saudável, e palavras, gestos, são apenas palavras e gestos, nada mais. Você não foi fisicamente atingida, apenas moralmente. Não se deixe abalar.

— E fácil falar! Não é com você que está acontecendo.

— Eu sei — ele concordou. — Mas procure relaxar e aproveitar a vida. A experiência enriquece a alma. Um dia, quando você estiver casada e com filhos, poderá olhar para trás e sorrir.

— E você? Pretende se casar e ter filhos? Henry balançou a cabeça em negativa.

— Não — Githa murmurou. — Você não faz o gênero marido... ou pai. Henry? — ela acrescentou baixinho.

— Hum...

— Você não odeia essa sensação de estar fora de controle? Porque você também sente isso, não sente? Você não gosta de mim, não queria que isto estivesse acontecendo, mas... — Githa calou-se com um suspiro.

— É assim que você se sente?

— As vezes. Não, não às vezes — confessou honestamente —, o tempo todo. Eu quero você, mas me sinto usada.

— E você acha que eu não?

Ela o olhou com expressão de espanto.

— Você?

— Claro. Isso serve tanto para mim quanto para você. E, sim, às vezes eu não gosto da sensação. Vou embora e penso, "vou colocar um ponto final nessa história... não preciso de mais complicações em minha vida". Mas meu corpo não reage da mesma forma.

— Escravos de nossos corpos, de nossas necessidades! — proclamou Githa, com um sorriso afetuoso. — E você tem um corpo bonito.

— Tenho?

— Sim. É alto, esbelto... mais forte do que parece.

— Por que diz isso? — perguntou Henry curioso.

— Por causa daquele dia em que você me segurou, lá fora, quando eu ia cair.

Senti as suas mãos fortes me amparando.





Henry suspirou longamente.

— Bem, bem, você se queixou que não conversamos... O que estamos fazendo, então?

— Sim, mas isso foi hoje... agora.

— Que tal continuar a conversa na cama? Estou achando este chão um pouco duro e frio demais, você não?

— Sim, concordo que seria mais confortável na cama... — Githa respondeu com ar travesso.

Henry pôs-se de pé e ajudou-a a levantar-se.

— Você já tinha ficado aqui antes? — ela perguntou, enquanto subiam a escada.

— Não.

— Nunca?

— Não.

— Você e Cindy não... nunca...

— Não.

Empurrando-a gentilmente sobre a cama, Henry deitou-se ao lado dela, na mesma posição em que estava na cozinha, e fitou com certa zombaria o rosto inocente.

— Só estou perguntando.

Githa rolou e deitou-se de bruços, apoiada nos cotovelos, estudando o rosto másculo e atraente.

— Acho que vou fingir que estou apaixonada por você — Githa falou, imprudentemente.

— Vai? Por quê?

— Porque assim eu teria o direito de te tocar, te beijar, sem sentir como se fosse algo que você não queira que eu faça.

— E assim que eu faço você se sentir?

— Sim. Um pouco intimidada. Você não é o tipo de homem com quem eu teria um relacionamento.

— Não?

— Não. Você é sofisticado, determinado, exigente... e eu sou um pouco confusa às vezes.

Com o olhar atento, Henry continuou a observá-la.

— Eu sei que nos comerciais pareço ser independente, ter uma personalidade forte, mas na verdade não sou assim.

— Não — ele concordou. — Na verdade, você não é nem um pouco sofisticada...

— Não. — Ela fez uma pausa. — Você se importaria?

— Me importaria com o quê?

— Você se importaria se eu te tocasse?

Os olhos de Henry escureceram ligeiramente, e quando ele falou, sua voz soou mais rouca que de costume.

— Não, Githa... não me importaria se você me tocasse. Desculpe se dei a impressão de que tudo deveria ser do meu jeito. Não é sempre que levo em consideração os sentimentos das outras pessoas, como já fui acusado — ele acrescentou.

— Tudo bem, eu já esperava que você não soubesse como eu me sentia.

— Não. Então, por favor, me toque, porque estou começando a me sentir extraordinariamente delirante.

Uma intensa onda de calor começava a se espalhar pelo corpo de Githa, fazendo-a tremer.

— Está?

— Sim... Quer que eu lhe mostre? Ele sorriu e Githa corou.

— Você fala de uma maneira tão gostosa...

— Posso fazer muito mais do que falar — provocou, deslizando a mão sob a camisa de Githa para acariciar-lhe as costas.

Ela esquivou-se com um movimento ágil.





— Não! — exclamou, sorridente. — É a minha vez! — Você tem que ficar deitado quieto.

— Impossível... — Num piscar de olhos, Henry a fez virar-se de costas e entreabriu-lhe as pernas com os joelhos, enquanto lhe imobilizava os braços. — E agora, quem tem o poder?

— Não é justo! Você é mais forte do que eu. Ele balançou a cabeça.

— Não, Githa, eu realmente acho que não sou. Inclinando-se, pousou a boca sobre a dela e beijou-a até ela sentir-se tonta e contorcer-se debaixo dele, com um gemido agudo.

— Eu machuquei você? Ela balançou a cabeça.

— Tenho que me lembrar de não te provocar mais.

— Pare com isso... — ele resmungou, sério. — Você não tem noção do poder que possui... Eu não me lembro de alguma vez em minha vida ter perdido o controle.

— Não... — ela protestou. — Eu não quero ter poder. Só quero ser feliz, sorrir com você... Não me faça ter poder sobre você, Henry. Por favor, não.

Embaraçado, ele a fitou e então a puxou gentilmente para si, abraçando-a como nunca fizera antes.

— Você diz que não me entende, mas agora sou eu que não entendo você — disse ele com seriedade. — Eu pensei... Na verdade, você não é como eu imaginava. Eu te vi, te quis, e, tolamente, pensei que você fosse como eu.

— Como você? Em que sentido?

— Fria.

— Mas você não é frio! — Githa protestou.

— Sim, querida, eu sou.

Confusa, ela levantou a cabeça e olhou para o rosto de Henry, um rosto que já não parecia superior e arrogante, mas sim tenso e pensativo.

— Eu imaginei um encontro bem mais descontraído. Eu iria te conhecer quando tivesse tempo. E você me receberia com a mesma disposição. Uma vontade mútua, entende? Mas quando falei com você no estúdio, atordoada e vulnerável, percebi que teria o poder de te magoar. Normalmente eu não brinco com mulheres inocentes, Githa. Só com as que conhecem as regras. As experientes. Presumi que você fosse assim. Mas você não é. E eu me dei conta de que não queria desistir. Deveria ter desistido, mas não quis.

— Mas Cindy não lhe falou sobre mim? Não lhe disse como eu era?

— Sim — ele concordou vagarosamente —, mas obviamente eu a interpretei mal.

— Interpretou mal? Como?

— Ah, não sei... Acho que considereei a minha experiência acima do julgamento dela. Não dei muita importância...

— E foi adiante com seu plano de me conhecer — concluiu Githa.

— Sim. E me perdi nesses olhos verdes...

— Castanho-claros — ela corrigiu.

— Verdes — ele insistiu. — Olhos de feiticeira. Mas eu não queria te conhecer, realmente. Não como pessoa. E nem queria te magoar. Não há um sentimento profundo entre nós, Githa, nós simplesmente nos gostamos, nos desejamos e nos divertimos juntos.

Como ela gostaria que aquilo fosse verdade! Seria tudo tão mais fácil...

Olhando para Henry, sentiu uma súbita e desesperada necessidade de tocar e ser tocada. Inclinou a cabeça e encostou os lábios nos dele, saboreando-os com a ponta da língua. Gemeu baixinho ao sentir o corpo dele reagir. Queria fazer amor com Henry, lentamente, esplendorosamente, porque tudo indicava que aquilo em breve iria terminar. E ela nem podia pensar nessa possibilidade.

Acomodando-se numa posição mais confortável, Githa levou uma mão à nuca de Henry e beijou-o mais uma vez. Começou então a fazer amor com ele, da maneira como sempre quisera fazer, com delicadeza, suavidade, alegria, e sem





pressa. Parecia que iria durar para sempre. E ele retribuiu com uma gentileza inesperada, quase com ternura.

Aconchegando-se contra ele, a cabeça aninhada em seu ombro, ela murmurou baixinho:

— Foi lindo...

— Foi — ele concordou. — Obrigado, Githa.

— De nada...

Ele riu, e seu riso soou autêntico, espontâneo. Talvez ele estivesse certo. Talvez devesse deixar as preocupações de lado e simplesmente aproveitar. Mas por mais que tentasse ser racional, sabia que, em seu coração, nunca seria daquela forma.

Alisando os cabelos de Githa, Henry falou baixinho:

— Tenha paciência comigo, Githa... Tudo isso é... novo para mim.

— Quer dizer que... não... que não acabou?

— Acabou? — ele perguntou confuso.

— Pensei que você quisesse terminar...

Ele a fitou dentro dos olhos para responder:

— Não.

Githa respirou fundo, aliviada.

— As suas... experiências anteriores foram muito ruins? Henry franziu a testa.

— Não...

— Mas não foram como... está sendo agora? — ela arriscou.

— Não. Nunca houve expectativas. Nenhum envolvimento emocional.

— Apenas uma... troca?

— Sim — ele admitiu. — Presentes, jóias, jantares. Mas você não é assim, não é, Githa?

— Não. Já é bastante difícil lidar com meus sentimentos sem ter de ser comprada. Parece que não há escolha... Nem sei se eu gostaria que houvesse. Também é tudo muito novo para mim, Henry.

— Eu sei. — Ele bocejou e despenteou os cabelos dela com os dedos. — Bem... preciso me mexer. Tenho que ir, agora.

— Ir... para onde? — ela perguntou, alarmada.

— A Londres. Tenho alguns assuntos para resolver, algumas visitas profissionais.

— Quando você volta?

— Talvez ainda hoje, ou amanhã bem cedo. Githa assentiu com um gesto de cabeça.

— Dirija com cuidado — recomendou.

— Pode deixar.

Depois que Henry saiu, ela se encolheu debaixo das cobertas, sonolenta. Lutou contra o sono, mas suas pálpebras pesadas se fecharam, e ela adormeceu.

Quando acordou, já estava escuro. Ela esticou o braço para acender o abajur, depois espreguiçou-se com um longo bocejo. Ficou deitada por algum tempo ainda, rememorando cada instante que passara nos braços de Henry. Talvez houvesse uma chance, afinal. Pela primeira vez, desde que o conheceu, parecia que estava tudo bem.

Ela levantou-se, preparou uma sopa instantânea e voltou para a cama. Não demorou para pegar no sono novamente e ficou espantada quando abriu os olhos e viu que eram oito horas da manhã!

Tomou um banho rápido, fez café, torradas, e depois de se alimentar saiu para uma caminhada. Juntou alguns gravetos para a lareira, e, de volta ao chalé, tirou os tênis enlameados do lado de fora da porta da cozinha. Quando entrou, parou por um instante, paralisada, olhando para o envelope volumoso sobre a mesa da cozinha. Não era possível... Não, aquele pesadelo não podia recommear!

Então ocorreu-lhe que talvez fosse algum recado de Henry. Trêmula, rasgou o envelope e examinou seu conteúdo.





Eram fotografias. Ainda confusa, curiosa, começou a examiná-las... e a curiosidade transformou-se em repugnância e depois em medo, porque as fotos eram dela, tiradas ali!

Fotografias dela saindo do solar... Fotografias dela se despindo em seu quarto... E havia pequenos furos em seus olhos e no peito. Ele havia deliberadamente, maldosamente...

Com um grito agudo de raiva e pavor, ela as jogou contra a parede... no mesmo instante em que Henry entrou.

CAPÍTULO IV

Você contou para alguém? — Githa perguntou em tom de acusação.

— Não.

— Então Cindy deve ter contado. Mas por que ela faria isso? — Ela franziu a testa. — Foi exatamente por isso que ela me emprestou o chalé, para que ninguém soubesse onde eu estaria!

— Talvez ela não tenha contado. Talvez a pessoa a tenha seguido até aqui — observou Henry, com voz calma. — Não viu se havia algum carro seguindo você?

— Não.

Ele caminhou até a mesa e examinou as fotos em silêncio. Em seguida colocou-as de volta dentro do envelope.

— É um trabalho de amor. Revelação caseira — disse ele. — Como chegaram aqui?

— O envelope estava em cima da mesa quando eu entrei — explicou Githa, amedrontada. — O que significa que ele esteve aqui dentro! E não pode estar longe, agora, talvez esteja me espionando neste exato momento.

— Você saiu?

— Fui dar uma volta, catar gravetos para acender o fogo.

— Trancou a porta?

Githa olhou para ele consternada.

— Não — confessou, corando. — Me esqueci. Não pensei que fosse necessário.

Henry apontou para o envelope.

— Quer que eu as destrua?

— Não. A polícia recomendou que eu não jogasse nada fora, que guardasse todas as provas.

— Isso começou depois que você foi contratada pela Varlane?

— Sim — ela confirmou desalentada.

— Já pensou na possibilidade de ser uma concorrente sua que esteja fazendo isso?

— Sim, faz três meses que penso nisso. Mas a polícia investigou todas as candidatas e não encontrou nada suspeito.

Henry pensou por um momento, depois falou, decidido:

— Vamos embora daqui. Enquanto você arruma suas coisas, vou dar uma olhada lá fora.

— Não, eu não quero ir embora, Henry — Githa protestou chorosa.

— Você não pode ficar aqui. — Claro que posso! Vou...

— Vai o quê? Pegar o criminoso? Enfrentá-lo, lutar com ele?

Ela não respondeu, apenas enxugou uma lágrima.

— Você não pode continuar aqui — Henry insistiu suavemente. — Não posso ficar o tempo todo com você.

— Não quero que fique o tempo todo comigo...

— Githa, não seja teimosa.

— Não é justo, Henry, eu não quero ir embora!

— Concordo que não é justo, mas terá de ir, Githa — declarou ele com firmeza. — Vá arrumar suas coisas, eu volto logo.





— Não vá muito longe — ela pediu quando Henry já se afastava, e ouviu-o assentir.

Voltou então a atenção novamente para o envelope sobre a mesa. Retirou mais uma vez as fotos e estudou uma a uma cuidadosamente, tentando identificar o local de onde haviam sido tiradas. Uma delas obviamente fora tirada da janela, quando ela saía nua do banheiro. Num impulso, Githa picotou a fotografia e jogou os pedacinhos no cesto de lixo. Era demais, não deixaria que ninguém visse aquela foto.

Juntou as fotografias restantes e guardou-as dentro do envelope, pensativa. Como a pessoa conseguira se aproximar sem que ela percebesse? E Henry? Uma das fotos fora tirada quando ela saía do solar. Henry estava ali por perto, com os cachorros... Os cães não teriam pressentido a presença de um estranho?

Bem, quem quer que fosse, não conseguiria derrotá-la tão facilmente, pensou consigo mesma.

Com o envelope nas mãos, subiu ao quarto para arrumar a mala. Antes de começar, fechou as cortinas com um gesto brusco. Estava furiosa com aquela coação cujo motivo ela não entendia, com aquela invasão de sua privacidade. Pelo menos não haviam sido tiradas fotos dela com Henry...

Ou sim? Será que seriam o próximo "presente"? Ou não existiam porque fora *ele* quem as tirara? Githa balançou a cabeça, descartando a hipótese, desgostosa consigo mesma. Já estava delirando!

Quando Henry voltou, ela estava pronta, à espera dele na cozinha.

— Encontrou alguma coisa suspeita? — Githa perguntou, esperançosa.

Ele balançou a cabeça.

— Nada. — Olhou ao redor. — Desligou a geladeira? A tampa da máquina de lavar louça deve ficar aberta...

— Sim — Githa confirmou. — Fechei as janelas, tranquei tudo. Só falta ligar o alarme.

Ela acionou o equipamento sobre o balcão da cozinha enquanto Henry carregava a mala e a sacola com mantimentos. Então saiu, trancou a porta da cozinha e seguiu Henry até o carro.

— Quer que eu dirija? — ofereceu ele. Ela o olhou confusa.

— E o seu carro?

— O que tem o meu carro?

— Vai deixá-lo aqui? Vai voltar de Londres depois para buscá-lo?

— Nós não vamos para Londres — disse Henry, enquanto acomodava a bagagem no portamalas.

— Vamos para onde? — Githa perguntou, arqueando as sobrancelhas.

— Para o solar.

— O solar?

— Claro.

— Mas...

— Entre no carro — ordenou ele, irredutível. Percebendo que seria inútil discutir, Githa obedeceu, os lábios apertados de contrariedade. Henry sentou-se ao volante, ligou o motor e manobrou o carro em direção à estrada. Embora a distância entre as duas casas fosse curta, o acesso por automóvel era um tanto complicado. Enquanto percorriam a estradinha estreita, espreitava a paisagem, os campos, as árvores. Sentia-se desorientada, revoltada, furiosa.

— Isto aqui já foi era uma entrada de carruagens — explicou Henry, quebrando o silêncio.

Githa virou-se para ele, interessada.

— É mesmo? Ele assentiu.

— Séculos atrás, os moradores precisaram de dinheiro e começaram a vender a propriedade, pedaço por pedaço, até que só restou o solar. Mas havia até um bosque de cervos que pertencia à propriedade. Agora acho que esses animais são raros por aqui.

— Oh! — Githa exclamou, maravilhada. Em seguida olhou para ele,





apreensiva. — Sua mãe e seu padrasto não vão se aborrecer quando souberem que você me levou para lá?

— Claro que não.

— Quando eles voltam?

— Daqui a alguns dias — respondeu ele evasivo. Githa contemplou a mansão que agora se descortinava em toda sua majestade diante de seus olhos. A fachada frontal estava mais dilapidada do que a parte dos fundos, mas ainda assim era um lugar acolhedor, uma construção sólida, que resistira à ação do tempo.

— Era aqui que Cindy vinha sempre, para fugir de casa?

— Até hoje ela faz isso.

— Eu não sabia — murmurou Githa, admirando a imponente entrada do solar. — Não sabia que tinha sido aqui, num lugar como esse, que ela viveu.

Engraçado, fazia tanto tempo que eram amigas e ela não sabia onde Cindy havia sido criada. Henry passou sob um arco, contornou a casa e estacionou perto do celeiro que abrigava o trator.

— Para que vocês precisam de um trator? — perguntou ela.

— Tom o usa para pegar lenha. Usa também como carro de passeio. — Ele sorriu — Corre feito um doido por esses campos, feito Indiana Jones numa missão.

— Seu padrasto?

— Sim.

— Você gosta dele?

— Muito. — Henry desligou o motor e virou-se para Githa, estudando seu rosto tristonho. — Pense na pior coisa que seu perseguidor pode fazer com você, Githa — aconselhou —, e então pense como você poderia lidar com isso. Ele é um covarde, Githa. Você não.

— Sabe, não sei por quê, mas sinto mais raiva do que medo — confessou ela. — Quando penso que ele ficou me espionando...

— Ele quer intimidar você, quer deixá-la assustada.

— Mas por quê?! E só isso que eu gostaria de saber.

— O motivo dele, seja qual for, não terá lógica para você, ou para mim. Talvez nem haja um propósito nisso tudo, talvez seja uma obsessão, uma fantasia. O sujeito pode ser um louco. O que diziam as cartas que ele mandou?

— Ah, coisas horríveis, parecidas com o que ele escreveu na parede de minha casa.

— Continham ameaças?

— Não exatamente, ele me chamava de todos os nomes que você pode imaginar e dizia que eu merecia tudo o que estava acontecendo. Mas o tom era ameaçador.

— Eram escritas a mão?

— Não, eram palavras e letras recortadas de jornais. Às vezes nem faziam sentido. Mas sempre com ódio. E é isso que me assusta. O que foi que eu fiz para alguém me odiar tanto? Não consigo chegar a uma conclusão...

— E provavelmente não conseguirá até que a polícia descubra quem é — concluiu Henry, saindo do carro e abrindo o porta-malas.

Os dois cães vieram correndo, como da outra vez, e Githa sorriu. Colocou a sacola de mantimentos sobre a mesa da cozinha e abaixou-se para acariciá-los. Só então olhou ao redor e notou como a cozinha era clara, o sol da primavera batendo em cheio nas cortinas alegres e vaporosas acima da enorme pia.

— Venha — chamou Henry —, vou lhe mostrar meu quarto.

— Seu?

— Claro, é onde vamos dormir — respondeu ele, carregando a mala na direção da ampla escadaria.

Githa seguiu-o ao andar superior, sentindo-se desamparada, como se fosse incapaz de tomar suas próprias decisões. Não costumava ser assim, não estava se





reconhecendo.

No andar de cima, atravessaram um longo corredor, com vários retratos nas paredes, inúmeras portas, e depois outro corredor, até que finalmente Henry parou diante de uma pesada porta de madeira entalhada. Abriu-a e afastou-se para que Githa entrasse.

O aposento era imenso, do tamanho de um apartamento. Githa olhou estupefata para a enorme cama de casal com quatro colunas trabalhadas em alto relevo vermelho-escuro e bordas douradas.

— O rei da Inglaterra se hospedava aqui? — indagou estarrecida.

Henry sorriu enquanto depositava a mala no chão, ao lado da cama.

— Não que eu saiba, mas é possível que sim — respondeu ele. — Temos uma capela.

— E um calabouço?

— Uma cela — ele corrigiu.

Githa fitou-o, incerta se ele estava falando a sério, porém ele não riu.

Duas janelas largas e altas, com parapeito e venezianas de madeira, ocupavam uma das paredes, com uma lareira entre elas. Havia uma escrivaninha muito antiga e duas poltronas de couro, que pareciam macias e confortáveis.

— É maravilhoso, Henry! — ela exclamou com sinceridade.

— Sim — ele murmurou, concordando. — Temos alguns problemas com o encanamento e com o aquecimento central, mas no geral é uma casa bastante confortável. E, na minha opinião, este quarto, particularmente, é... inspirador. Incita ao romance, à paixão. Não acha?

O olhar de Githa voltou-se para a suntuosa cama de casal. Henry tinha razão. Embora a estrutura fosse bem antiga, o colchão evidentemente era novo e moderno. Alto e macio, estava coberto por um acolchoado de cor creme, com quatro travesseiros e várias almofadas. Ela imaginou-se naquela cama com Henry e seu *rosto* ficou vermelho.

Mas antes que pudesse pensar numa resposta, ele mudou de assunto:

— Tenho que levar os cachorros para dar uma volta.

— Como eles se chamam? — Githa perguntou aliviada.

— Ben e Luther.

— Luther é o pastor?

— Sim.

— De Martin Luther King?

— Garota esperta! Githa sorriu.

— Quem escolheu esse nome?

— Minha mãe. Ela achou que ele tinha jeito de líder.

Ficou indecisa entre Luther e Othello, mas Tom disse que se recusava a gritar "Othello" fora de casa.

Githa riu divertida, e seu riso contagiou Henry.

— Temos que ir agora? — perguntou suavemente. O brilho nos olhos de Henry tornou-se mais intenso.

— Bem... acho que cinco minutos não irão fazer diferença.

— Eu estava pensando em um pouco mais do que cinco minutos.

— É mesmo?

— Sim.

Githa deu um passo à frente e envolveu o pescoço dele com os braços, oferecendo-lhe os lábios.

— Feche as cortinas — ela balbuciou, quando Henry tomou-lhe a boca na sua.

— Não é preciso...

Inclinando-se, ele a deitou na cama, puxou uma borla dourada, e um vaporoso cortinado os envolveu.

— Agora não consigo te enxergar direito — Henry murmurou enquanto sua





boca deslizava pelo rosto de Githa, pelo queixo e pelo pescoço.

Lentamente, despiram um ao outro, tocando-se, explorando-se, sem inibições. Na penumbra, era mais fácil de ser inovador, erótico, audacioso.

Para Githa, foi a experiência mais mágica de sua vida. Quando eles finalmente se deitaram lado a lado, entrelaçados e aquecidos, esperando a respiração voltar ao normal, Githa percorreu com a ponta do dedo os contornos das feições de Henry, como se quisesse gravá-las para sempre na memória.

Pouco depois percebeu que Henry adormecera, pois ouviu-o ressonar baixinho. Aconchegou-se a ele com os olhos fechados, mas não conseguiu dormir.

Não soube quanto tempo se passara até senti-lo se mexer e abrir os olhos. Ele sorriu, sonolento, e apertou-a entre os braços fortes.

— Você trouxe as fotografias? — ele perguntou de repente.

— Sim... o envelope está na mala.

— Deixe-me vê-las novamente. — Henry se afastou de Githa e saiu da cama.

— Por quê? — ela perguntou, levantando-se também.

— Quero ver de onde foram tiradas.

— Eu já tentei fazer isso. — Ela abriu a mala e pegou o envelope.

Henry abriu-o e examinou as fotos novamente, com atenção. Está faltando uma.

— Sim — ela admitiu. — Eu rasguei. Henry assentiu em silêncio.

— Esta de você saindo do solar foi tirada de um lugar alto — ele constatou.

— Sim — Githa concordou e juntou-se a ele na janela, observando as árvores do lado de fora.

— Provavelmente daquela nogueira — ele apontou, olhando novamente para a foto, pensativo, depois suspirou. — Bem, vamos cuidar dos animais? Depois vamos almoçar no Ludlow, que tal?

Githa concordou entusiasmada.

— Enquanto você se arruma, vou dar uma olhada perto daquela árvore — disse ele, vestindo rapidamente a calça jeans e enfiando o suéter pela cabeça.

Quando ele retornou, dez minutos depois, Githa já tinha tomado um banho rápido e se vestido para sair.

— O tempo está mudando, é bom você se agasalhar — aconselhou ele, abrindo o guarda-roupa e pegando uma jaqueta de lã.

— Encontrou alguma coisa? — ela perguntou ansiosa.

— Nada.

Githa acompanhou Henry e os cães no passeio e depois esperou pacientemente enquanto ele colocava uma generosa dose de ração nas enormes vasilhas de alumínio.

Terminada a tarefa, entraram no carro e percorreram o curto trajeto até Ludlow. A temperatura caíra consideravelmente quando saíram do carro, em frente à praça principal da cidade.

— Vamos comer no The Feathers — disse Henry, abrindo a porta do carro para Githa.

Ela arqueou as sobrancelhas. The Feathers? Por acaso é...

— O famoso hotel do século XVII — ele completou.

— Sr. Sheldrake!

Ambos se viraram para o rapaz que se aproximava deles apressado.

— Sr. Sheldrake? — o jovem falou novamente, ofegante.

— Sim — Henry murmurou com uma frieza que abalou Githa. Ela não via aquela expressão desde o dia no estúdio.

— Eu escrevi um livro...

— Mande para o meu escritório — disse Henry, segurando o braço de Githa e continuando a caminhar.

— Mas ele está aqui comigo! Henry o ignorou.





— Sr. Sheldrake!

Ele parou e virou-se para trás, encarando o rosto ansioso do rapaz.

— Você vai gostar. É muito bom!

— Então é uma pena eu não ter a chance de lê-lo.

— Como disse?

— Eu não gosto de ser abordado na rua, nem que discutam comigo. Eu falei para você mandar para o escritório. Agora retiro minha oferta.

— Henry — interveio Githa, constrangida —, você é um agente literário!

— Mas não público! E não estou em horário de trabalho — ele acrescentou para o jovem indignado.

— Então vou mandar para outra pessoa!

— Faça isso — retrucou Henry cordialmente, virando-se em seguida e levando Githa consigo. — E se é desaprovação o que eu estou percebendo em você, Githa, você pode comer sozinha.

Ela sorriu.

— Não, não é desaprovação... É que... bem, poderia ser um bom negócio. Mas concordo que é desagradável ser abordado na rua e fora do horário de trabalho.

— É óbvio. Você não pára um cirurgião no meio da rua e pede para ele marcar uma operação, pede?

Githa riu, enquanto entravam no suntuoso saguão do hotel. Um recepcionista os conduziu até o restaurante, e ela quase perdeu o fôlego. Era o lugar mais luxuoso e ao mesmo tempo mais aconchegante que ela já vira na vida: O dia estava escuro, lá fora, e havia um abajur aceso em cada uma das mesas. Um fogo acolhedor crepitava na enorme lareira de pedra.

Henry escolheu uma mesa próxima à lareira, e Githa deixou-se afundar na confortável cadeira de braços, percebendo de repente como estava faminta. Henry pediu ao garçom uma garrafa de vinho tinto, enquanto ela consultava o cardápio e se decidia por sopa de aspargos.

— E então, tem explorado a cidade? — Henry quis saber. Ela sorriu.

— Um pouco, sim.

— E o que achou?

— Muito agradável. As pessoas são simpáticas.

— Sim — ele concordou.

— Me conte mais sobre este lugar — Githa pediu, depois que ele fez os pedidos.

— Bem, a cidade cresceu ao redor do castelo que foi construído para manter os gauleses a distância. A principal atividade daqui é o comércio de lã, principalmente luvas.

— Luvas? — Githa estranhou.

— Sim. Pode acreditar. A região desenvolveu-se com a indústria de luvas, do século passado para cá.

Githa ouviu interessada o relato de Henry sobre a história local, e em determinado momento refletiu que nunca na vida se sentira tão bem, naquele ambiente acolhedor, aquecida pelo fogo, saboreando um creme de aspargos delicioso, com crocantes torradas com manteiga, azeitonas e alcachofras do *couvert*. E, principalmente, na companhia daquele homem tão atraente e charmoso. Sentia-se a mulher mais privilegiada e feliz do mundo!

Pediram banana flambada com sorvete de creme para sobremesa e depois café com creme chantili, que Githa repetiu duas vezes, tão maravilhoso que era.

Depois de pagar a conta, Henry a ajudou a levantar-se e saíram do ambiente aquecido do hotel para o ar enregelante do final de tarde.

Githa caminhava junto ao muro do hotel, os braços cruzados para se proteger do frio. Com a cabeça abaixada, não viu um galho de árvore tortuoso e saliente a sua frente, e quando Henry a alertou, era tarde demais.

— Oh! — Ela deu um passo para trás, a mão espalmada sobre a face. — Meu





rosto... arranhou?

Henry examinou-a de perto.

— Não.

— Tenho que fotografar para o lançamento de um perfume na próxima semana — ela explicou. — Seria problemático se eu aparecesse com o rosto arranhado.

— Realmente — concordou Henry pensativo.

— Você pensou que minha preocupação fosse fútil, não é? — indagou ela.

— Sim — admitiu ele. — Enganei-me. De novo.

— De novo? — ela repetiu confusa.

— Sim. — Com um sorriso triste, Henry tocou o rosto de Githa com a ponta dos dedos e depois ficou imóvel, o olhar fixo nos lábios dela. — Isso está se tornando... absurdo.

— O... O que... — Mas ela sabia. A atração. A atração entre eles estava se tornando absurdamente incontrolável.

Githa olhou para Henry e sentiu um desejo ardente de possuí-la outra vez.

— Eu quero você, Githa — murmurou. — Mais do que nunca — Henry podia sentir o mesmo desejo nos olhos dela.

Ela também o queria. — Vamos sair da rua antes que sejamos presos por atentado ao pudor.

— E para onde iremos? — ela questionou, voltando o rosto para a rua deserta.

— Para a mansão. Tenho um material urgente para examinar.

Githa sorriu maliciosa, acreditando que Henry escondia suas verdadeiras intenções.

Mas ela se enganara.

Assim que adentraram o casarão secular Henry dirigiu-se para a sala de estar com o manuscrito de um livro e acomodou-se perto da lareira junto com os dois cães. Githa decidiu ir até a cozinha preparar uma xícara de café.

Ela viu o jornal sobre a mesa da cozinha e a manchete chamou-lhe a atenção. Githa largou-se sobre uma cadeira e começou a chorar. O artigo relatava a história de uma menininha que salvara a vida da mãe em um terrível acidente. Histórias com crianças sempre a faziam chorar. Primeiro vinha o nó na garganta, o mal estar e depois as lágrimas abundantes e incontroláveis a brotar-lhe dos olhos, sem a menor razão.

Começou a procurar por um lenço e não ouviu os passos de Henry.

— Githa?

Ela não conseguiu controlar os soluços emocionados.

Henry caminhou até ela e segurou seus ombros com delicadeza. Mesmo chorando ela era linda, pensou ele secando as lágrimas que escorriam da face de Githa.

— Não chore, ele não merece...

— Tem um lenço? — Ela olhou para os lados sem graça. Henry andou até o armário, pegou uma caixa de lenços de papel e a entregou a Githa. Ela assoou o nariz com força.

— Ele não merece, Githa — tornou a falar, vendo-a assoar o nariz com força.

— Quem? — perguntou ela confusa.

— O homem que a está perturbando.

— O quê? Ah, não... Não chorava por causa dele.

— Então, por que estava chorando? Ela apontou para a manchete no jornal.

Henry deu uma espiada no artigo e voltou a encará-la sem entender o que poderia tê-la feito chorar. Ela sentiu-se embaraçada e desviou os olhos.

— Não consigo evitar — murmurou Githa voltando a chorar. — Crianças me comovem. E essa tem somente quatro anos...

— Sim — Henry concordou...

— Acho que não serei uma boa mãe.

— Certamente será uma mãe chorona. Se isso a aborrece tanto, por que lê essas reportagens?





— Porque sou uma tola. Queria alguma coisa?

— Sim — Henry respondeu com gentileza. — Tomar uma xícara de café. Quer uma?

Githa meneou a cabeça aceitando a oferta.

— Pode conhecer a casa, os livros e brincar com os cachorros. Mas não saia sozinha.

— Sim, senhor — ela brincou.

Ele sorriu, dobrou o jornal e encheu a chaleira com água.

Githa suspirou com o gesto carinhoso. Henry parecia preocupado e indiferente. Voltava a ser o mesmo homem de sempre. Ela o desejava tanto... Como se deixara envolver por um homem que sequer conhecia? Githa ergueu-se outra vez e pôs-se a caminhar para fora da cozinha.

Ela vagou pelo corredor e decidiu abrir uma porta ao acaso. Deparou-se com uma grande sala cercada por portas de vidro de onde era possível enxergar um imenso jardim florido. Ela não sabia que existia um jardim no solar. Atravessou o suntuoso cômodo até alcançar o vasto gramado cercado por árvores centenárias. O frio era mais intenso lá fora e ela soltou as mangas do suéter que jogara sobre os ombros e o vestiu. O vento soprava nos canteiros de rosas e nos arbustos e aquele som agradável a tranquilizava. O céu estrelado a reconfortava. Centenas e centenas de pontos luminosos enfeitavam a noite somente para ela, pensou sorrindo. Estava nos fundos do solar, e alguns passos adiante um portão de ferro batido cercava o que parecia ser uma horta. Githa sentiu um calafrio ao empurrar a pesada estrutura de metal. Alguém a observava de cima das árvores, pensou ela aflita.

CAPÍTULO V

Githa não parou para pensar, apenas reagiu. Correndo pelo jardim, pulou sobre as pedras na direção das árvores, mas não conseguiu ver nada. Acostumada na cidade grande, onde até mesmo nas noites mais escuras as luzes das casas e das ruas iluminavam o caminho, ali, no meio do mato, a escuridão era como breu. Assustada, ela parou, escutou, olhou novamente para as luzes confortantes do solar. Se houvesse alguém ali fora, se ela fosse atacada, não haveria ninguém para ajudá-la. Mas alguma coisa a impedia de voltar e se refugiar na casa. Respirou fundo para tomar coragem e andou cautelosamente, atenta ao menor ruído. O silêncio era total. De repente, um galho estalou em algum lugar atrás dela. Ela virou-se rapidamente e pegou um galho do chão.

— Venha, seu miserável, venha! — ela gritou, trêmula de medo e de raiva. Vamos ver o quanto você é corajoso cara a cara!

— Githa? Githa!

— Henry! Tem alguém aqui! — Sentindo-se mais corajosa agora que sabia que Henry estava por perto, ela correu na direção de onde achava que o barulho tinha vindo, e ouviu um dos cachorros latir. Correndo imprudentemente, de repente esbarrou em alguém, e gritou assustada.

— Que diabos você acha que está fazendo? — questionou Henry.

— Pelo amor de Deus, Henry, você quase me mata de susto! Eu pensei...

— Sim! — ele concordou severamente. — E então, o que você achava que ia fazer?

— Você estava aqui...

— Mas talvez não perto o suficiente! Eu falei para você ficar dentro de casa.

— Mas havia alguém aqui! Pelo amor de Deus, deixe-me ir! Ele vai fugir!

— Se tiver alguém aí, Luther vai achá-lo.

— Sim, mas...

— Não discuta. — Empurrando de leve em direção ao solar, ele continuou furioso: — Você poderia ter sido atacada, assassinada, e talvez sem que eu percebesse.

— Mas eu vi que havia alguém...

— E então você correu para ver de perto. Que esperta!





- Vá dar uma olhada, Henry... Por favor, para eu ter certeza...
- Só depois de você estar a salvo em casa, com as portas trancadas.
- Mas ele vai fugir!
- Não, não vai. Se tiver alguém aí, Luther vai achar.
- O que você quer dizer com "se"? Eu ouvi um galho estalar...
- E daí? Há raposas por aqui, texugos...
- Não era um texugo. Era uma pessoa!
- Que poderia estar armada, esperando uma oportunidade! — observou Henry, irritado. —

Será que você não pensou nisso?

— Não, não pensei! — admitiu Githa, enfurecida. — Você não faz idéia de como esse homem... essa pessoa, seja lá quem for, tem feito comigo. Me rondando, me espionando... Eu tento não deixar que isso me incomode, mas... estou com medo!

— Eu sei — murmurou Henry. — Vamos entrar, depois vou dar uma olhada por aí.

— Não — retrucou Githa insegura, mudando repentinamente de idéia. — E se ele entrar na casa enquanto você estiver fora? — Ela deu de ombros. — Talvez tenha sido mesmo um animal. De qualquer forma, é melhor não se arriscar.

Henry olhou-a em silêncio por um tempo, e depois os dois ouviram o cachorro voltando. Ofegante, com a língua para fora, ele parecia satisfeito consigo mesmo.

— Ele não achou ninguém — disse Githa.

— É o que parece.

— Sinto muito.

— Você deveria sentir mesmo.

Com um sorriso de lamentação, Githa perguntou:

— Terminou sua leitura?

— Não.

— Não fique mal-humorado.

— Eu não estou.

— Mas parece.

— O susto faz isso — Henry disse secamente. — Não se arrisque mais dessa maneira.

Com uma careta, ela achou melhor mudar de assunto.

— Tenho de ir para Paris daqui a alguns dias.

— Eu sei.

E então?, ela pensou. Será que aquela rápida ligação que eles tiveram acabaria?

— Eu vou ver você quando voltar? — ela perguntou da maneira mais casual que pôde.

— Você quer?

— Sim — ela disse simplesmente.

— Então iremos nos ver. Eu vou levar você ao aeroporto e irei esperá-la na volta.

— Obrigada.

— Pare de ficar emburrada.

— Não estou.

Henry sorriu zombeteiro.

— Vamos entrar, você está tremendo. — Colocando um braço ao redor dos ombros dela, chamou o cachorro com um breve comando e conduziu-a até a porta dos fundos.

— Ele não persegue as ovelhas? — É proibido.

— Isso não é resposta.

Henry sorriu novamente.

— Não, Githa. Ele não persegue ovelhas. — Abrindo a porta, empurrou-a gentilmente para dentro, esperou que o cachorro passasse por eles, e então a trancou. Pegou-a pela mão, levou-a para a sala de estar e então falou: — Vamos para a cama.

— Ainda não é hora de ir para a cama.





— E desde quando isso foi empecilho para nós? — Formando um círculo com os braços ao redor dela, ele murmurou: — Não consegui prestar atenção em uma única palavra que eu li desde que voltamos de Ludlow. Só fico pensando em você...

Githa olhou para ele, hipnotizada. Ele deslizou os dedos por seus cabelos e beijou-a lentamente, saboreando o gosto dela, sua pele ainda fria, enquanto ela o abraçava, aconchegando-se a ele.

A excitação veio lenta, gradualmente. A respiração de ambos foi ficando mais pesada, ofegante, e Githa abraçou-o com força, sentindo a agitação e a necessidade aumentarem. A língua de Henry explorava a dela com urgência, até que com um gesto brusco, pôs a mão nas costas dela e pressionou-a contra si.

— Aqui não... — ela balbuciou.

— Sim.

— Não.

Ele respirou fundo e levantou a cabeça, contemplando os olhos escuros e sonolentos.

— Não?

— Não — ela sussurrou. — Então vá. ., — Por um momento Githa assustou-se, imaginando que ele a estava mandando embora, depois compreendeu que não era isso. Com um sorriso hesitante, deixou que ele a conduzisse até o andar superior e ao quarto.

Ela riu, trêmula e fascinada com o jeito como ele a olhava.

— Tire sua roupa — ordenou Henry.

Ela obedeceu, sem desviar o olhar do dele. Então pediu:

— Feche as cortinas.

Henry esticou o braço e puxou a borla dourada a sua esquerda. As cortinas deslizaram soltas, protegendo-os da janela. E de qualquer um que os pudesse estar observando.

— Deveríamos ter checado a casa, as portas, antes de...

— Antes de?

Githa sorriu, lembrando-se da rapidez com que subiram as escadas, e deu de ombros.

— Eu deixei a porta do terraço aberta...

— Eu sei, eu fechei. E tranquei.

— Que bom. Por que você não se despiu?

— Porque estou observando você. E porque existe algo de muito excitante em continuar vestido enquanto você tira a roupa.

— É mesmo?

— Sim.

— Eu não sei se gosto disso.

Ele olhou nos olhos dela e trilhrou o dedo entre seus seios nus.

— Você gosta de tudo que eu faço para você.

Sim, menos o fato de ser tão indiferente a ela quando não estavam fazendo amor. Já que era tudo que tinham. O que ela supunha que era verdadeiro. Mas Githa não queria pensar nisso, porque era de alguma forma humilhante. Sentia-se um objeto de desejo. Não uma pessoa.

— Tire a roupa, Henry.

— Daqui a pouco.

— Agora. Por favor... Por favor — ela repetiu. — Não gosto de me sentir tão vulnerável.

Ele observou seu rosto por alguns instantes, e depois começou a se despir. Quando já estava nu, deitou-se ao lado dela e puxou-a para seus braços. A urgência tornou-se mais branda, e eles fizeram amor no ritmo que Githa gostava, mais lento, gentil.

Ela continuou acordada por um longo tempo depois que Henry caiu no sono, imaginando se outras mulheres já haviam sentido o que ela estava sentindo, uma escrava de suas emoções. Provavelmente sim, pensou. Virando a cabeça no travesseiro, olhou para ele, desejou conseguir enxergar dentro de sua mente. Desejou saber o que ele





realmente sentia por ela.

Henry havia dito que era frio, mas se realmente fosse, por que ele estava assim? Ele também havia dito que não esperava gostar dela. Isso queria dizer que gostava? Contra suas próprias expectativas? Necessidades? Contra sua vontade? Talvez estivesse se sentindo tão confuso quanto ela.

Githa sorriu de leve. Não conseguia imaginar Henry confuso em relação ao que quer que fosse. Esticou o braço, desligou o abajur e aconchegou-se ao corpo quente dele. Ele resmungou, moveu-se vagarosamente, e depois de um ou dois sobressaltos ao imaginar ter ouvido alguma coisa do lado de fora, ela também foi arrastada pelo sono.

Só para ser rudemente acordada pela porta abrindo e com uma luz acendendo.

Alarmada, Githa sentou-se na cama quando viu alguém perto da porta.

— Ai, meu Deus! — uma voz exclamou indistintamente. — É uma mulher...

— Então feche a porta — respondeu uma voz masculina.

— Mas Henry nunca...

— Elizabeth! Feche a porta!

Henry moveu-se, despertou e apoiou-se no cotovelo.

— Oi, mãe — ele murmurou sonolento. — Faça o que Tom está dizendo, feche a porta, por favor.

A porta se fechou imediatamente, e ele virou-se para o lado para voltar a dormir.

— Henry! — Githa arfou. — Não volte a dormir!

— Por que não?

— Porque era a sua mãe!

— E daí?

— E daí que estou na cama com você! Ela deve ter pensado...

— Que somos amantes?

— Eu nunca passei tanta vergonha em toda a minha vida!

— Então se considere uma garota de sorte. Se esse foi o único motivo para ter se envergonhado... — Ele bocejou, puxou as cobertas para cima dos ombros e deitou a cabeça novamente no travesseiro.

— Henry!

Ele resmungou.

— Eu vou para o chalé!

— Não seja ridícula.

— Não é ridículo. Como você acha que vou cumprimentá-la amanhã de manhã?

— Dizendo bom dia... — ele respondeu com ironia. — Agora durma.

— Eu não consigo dormir! — ela gritou.

Henry deu um longo suspiro e virou-se novamente para ela.

— Githa — falou pacientemente. — Eu tenho trinta e seis anos e minha mãe sabe muito bem que não sou virgem desde os dezesseis.

— Dezesseis? — ela repetiu, pensativa.

— Sim. Agora durma.

Ele não tinha dito a ela para dormir, na véspera. Havia feito amor a noite inteira. O que era, sem dúvida, a causa de ele estar tão cansado. Assim como ela também deveria estar. Com um suspiro zangado, virou-se, arrastando as cobertas junto com ela, e fechou os olhos.

Henry puxou as cobertas de volta e virou-se até ficar colado às costas de Githa. Deslizou um braço ao redor de sua cintura, mas ela o repeliu.

— Você disse para eu dormir.

Ele pressionou a boca contra o ombro dela, e ela empurrou-o. Ele riu, virou-a até encará-lo.

— Agora estou acordado.





— Eu não quero ficar acordada. Ele sorriu.

— Hum, a garota é temperamental, não? Isso dá mais tempero...

— Eu não quero tempero algum! E, por favor, me solte. O sorriso dele diminuiu e ele apertou o corpo de Githa contra o seu.

— Pare, Henry! — ela protestou, tentando desvencilhar-se. — Eu quero ir para o chalé...

Mas os braços fortes de Henry a imobilizavam. Com habilidade, ele forçou-a a virar o rosto e tomou-lhe os lábios. Beijou-a até que ela parasse de lutar, parasse de tentar impedi-lo. Beijou-a até que a mágica tomasse conta deles.

— Eu te odeio — ela declarou assim que deitou sem fôlego, saciada.

— Que bom — ele concordou rindo. — Eu também te odeio.

— E nunca vou conseguir encarar sua mãe.

— Vai, sim. Ela vai fingir que não viu nada.

— Vai?

— Sim. — Aninhando-a contra si, Henry beijou-lhe o ombro e voltou a dormir.

— Oh...

Pela manhã, Elizabeth não só fingiu que nada vira como também tratou Githa com frieza e reserva. E Henry não ajudou nada.

Ele apresentou-a à mulher alta e grisalha, com ar refinado, e deu uma rápida explicação do motivo pelo qual ela estava ali. Em seguida o padraсто o chamou para ajudá-lo com a bagagem, e ele saiu da sala, deixando Githa à mercê da mãe, depois de lançar a esta um olhar de advertência.

— Desculpe-me... — Githa começou.

— Tudo bem — retrucou Elizabeth, com os mesmos trejeitos de Henry. — Agora entendo por que ele insistiu para que eu viajasse com Tom. Por que ele se ofereceu para cuidar dos cachorros. Eu estranhei, porque Henry nunca se incomodou com ninguém. Nem comigo. Ele é tão egoísta quanto o pai dele era. Vá tomar seu café da manhã. Tenho certeza de que você sabe onde está tudo.

Com um olhar de desprezo, ela saiu, deixando Githa parada no meio da enorme sala, desejando que o chão se abrisse para engoli-la.

Magoada, atordoada, indignada, ela subiu as escadas e foi para o quarto de Henry para arrumar suas coisas. Ele entrou quando ela já estava fechando a mala.

— O que ela disse?

— Nada.

— Githa...

Virou-se nervosa para ele.

— Por que você não me preveniu sobre a recepção que eu iria ter?

— E que recepção você teve? — ele perguntou tranqüilamente. — O que foi que minha mãe disse?

— Não foi o que ela disse, mas a maneira como falou. Como se eu fosse uma mulher vulgar! E por quê? — ela gritou. — Ela não me conhece! Nunca me viu antes!

— Ela sabe de você — ele disse obscuramente.

— E daí? Eu nunca fiz nada para ela me odiar!

— Não fez? — ele questionou calmamente.

— Como, não fiz? O que você quer dizer com isso? Você sabe muito bem que eu não fiz nada!

Virou-se furiosa para ir embora, na tentativa de puxar a mala de cima da cama, mas Henry a impediu, segurando suas mãos e forçando-a a largar a mala.

— Você está fazendo tempestade em copo d'água.

— Não, não estou. O que está acontecendo, Henry? Porque tem alguma coisa acontecendo, não tem? Por que sua mãe não gosta de mim? Ou ela automaticamente detesta qualquer mulher que você traz aqui?





— Eu não trago mulheres aqui. Nunca.

— Então por que me trouxe?

Houve um breve silêncio antes que ele respondesse.

— Porque eu não podia deixar você sozinha.

— Mas queria poder deixar? — ela acusou.

— Não sei — ele admitiu. — Venha, vou levá-la para Londres.

— Você não precisa me levar. Estou com meu carro e sei ir sozinha.

— Minha mãe não consegue esconder o que sente — ele explicou de repente.

— E que tipo de sentimento ela deveria esconder de mim? Você não vai responder, não é?

Não se importa? Ou não quer?

— Não posso. Vamos. — Ele pegou a mala. — Vou acompanhar você até o carro.

Githa o seguiu, com expressão mal humorada, rezando para que não encontrassem Elizabeth. Respirou aliviada quando chegaram ao carro.

— Espere um minuto — Henry pediu e voltou para a casa. Irritada, Githa entrou no carro e esperou. Cinco minutos depois ele voltou, trazendo o envelope com as fotografias e a jaqueta.

— Dirija com calma.

— Fácil falar — ela retrucou.

— Sim. — Com um suspiro, ele acrescentou: — É complicado, Githa. Um dia eu te explico.

— Obrigada.

— Vou te acompanhar, e amanhã de manhã vou buscá-la para levá-la ao aeroporto.

— Não precisa, chamarei um táxi.

Se Githa estava esperando que ele fosse insistir, desapontou-se. Ele a fitou por um longo tempo, depois meneou a cabeça.

— Está certo. Vejo você quando voltar.

Henry se afastou em direção ao próprio carro e Githa ligou o motor, arrancando suavemente em direção à estrada, de volta para Londres, para a sua rotina. Henry a seguiu até vê-la estacionar em frente à casa e depois continuou, sem nem ao menos um aceno ou um toque de buzina.

Na manhã seguinte, depois de uma noite maldormida, Githa tomou um banho, arrumou suas coisas e chamou um táxi para que a levasse até o aeroporto. Estava chovendo, uma garoa fina num dia cinzento, o que a deixou ainda mais deprimida.

Em Paris também estava chovendo. Claire, assistente de Etienne Varlane, estava lá a sua espera. Recebeu-a com um sorriso, beijou-a nos dois lados do rosto e indicou o caminho até o carro.

— Você não se importa de ver Etienne primeiro? — perguntou ela educadamente. — Antes de ir para o hotel? Ele insistiu muito — a moça explicou.

— Não, claro que não. — Pensando mais em Henry do que no poderoso diretor da Varlane, olhou para as árvores molhadas pela chuva, para um mar de guarda-chuvas.

Ao entrar na sala de Etienne, no entanto, ficou apreensiva quando ele a cumprimentou de maneira distante e reservada, sem o entusiasmo de sempre. O que teria acontecido?

— Sente-se Githa — ele convidou, virando-se em seguida para a assistente. — Não quero ser interrompido, Claire.

Ela concordou com a cabeça, virou-se de costas para ele e fez uma careta para Githa antes de sair.

Etienne sentou-se atrás de sua mesa e empurrou um envelope para ela.

— Isto chegou há alguns dias. Abra.

Com um mau pressentimento, ela abriu o envelope, e sentiu vontade de gritar de raiva. Ele continha uma cópia de uma das fotografias que ela recebera no chalé, a que ela rasgara. A foto que fora tirada quando saía nua do banheiro.

— Você já tinha visto? — ele perguntou.

— Sim — ela murmurou, desalentada.

— Leia o bilhete, Githa.





Com um profundo suspiro, ela desdobrou o bilhete e leu, consternada. Como em todos os demais, as letras haviam sido recortadas de um jornal.

Se você não despedi-la, a fotografia será enviada aos principais jornais da França e da Inglaterra, *estava escrito*.

— Nenhum jornal iria se interessar — Githa protestou, não acreditando realmente nisso. — Não por algo mandado anonimamente.

— Você acha que não? Não sou tão otimista. A imprensa publica qualquer coisa. Não vão perder a chance de um furo como esse.

— Não sou tão famosa assim — disse Githa, ingenuamente.

— Não, mas eu sou.

— Sim. — Ela enrubesceu, sentindo-se péssima. Olhou corajosamente nos olhos dele. — Você vai me demitir?

— Não. Ainda não. Mas estou muito irritado. Eu lhe indiquei um hotel que seria seguro, seguranças que poderiam protegê-la, mas você preferiu não ir para lá.

— Não — ela sussurrou. — Uma amiga me emprestou seu chalé.

— E foi lá que a fotografia foi tirada?

— Sim. Tem mais de uma — ela confessou.

— Entendo. Então esse é o resultado da sua desobediência. Nós temos experiência com maníacos, e sabemos como nos proteger. Mas se eles não forem guiados por nós, se seguem seu próprio caminho... Investimos muito dinheiro em você, Githa, e mesmo que eu seja compreensivo, os negócios vêm em primeiro lugar. Escolhemos você porque é exótica, sofisticada, alguém com quem outras mulheres podem se identificar, alguém com quem elas podem competir.

— Sim — ela concordou amargamente. — Não alguém que aparece nua nos tablóides.

— Não. E então, com muita relutância, tomamos a decisão de usar outra modelo para o lançamento do perfume amanhã. Vamos dizer que sempre foi nossa política fazer isso, uma nova modelo para o novo perfume, o rosto do ano para a linha de maquiagem. Mas você irá acompanhar o lançamento.

— Sim — ela concordou.

— Sinto muito.

— Sim.

— Encontre o sujeito, Githa. Encontre-o, impeça-o de continuar, ou...

— Você não terá outra alternativa a não ser me despedir.

— Sim. — Etienne a observou atentamente. — Você não tem a menor idéia de quem seja?

— Não. — Ela balançou a cabeça.

— E a polícia foi avisada sobre este último acontecimento? — Sim, Henry... — Ela se calou abruptamente.

— Henry? Githa suspirou.

— Sim, um amigo meu.

— Ele estava com você no chalé?

— Sim — ela admitiu.

— Então me diga. Fale sobre esse Henry. Sobre as fotografias. O chalé. Conte tudo o que sabe, e talvez, aqui entre nós, possamos chegar a alguma conclusão.

Githa contou tudo o que havia acontecido. Sobre a pichação, sobre o chalé, sobre Henry.

— E você conhecia esse pintor?

— Não. Henry providenciou para que ele fosse.

— E você confiou nele? Nesse homem que você tinha acabado de conhecer?

— Sim.

— Logo depois de se conhecerem?

— Sim. — Githa se amaldiçoou intimamente. Confiara em Henry porque ele era irresistível. Mas como iria explicar isso a Etienne? Que existiam homens no





mundo impossíveis de se resistir? Que faziam uma mulher voar alto, sentir-se especial, excitante...

— Então você foi bastante indiscreta? — Etienne falou com reprovação.

— Não! Ninguém sabia que eu ia para o chalé! — ela insistiu.

— Exceto esse Henry — ele disse suavemente. — Que é amigo de Cindy, que também trabalhava para a companhia aérea. Ela queria fazer o comercial? Ela se candidatou para ser o nosso rosto do ano?

— Eu acho que não... — Githa franziu a testa. — Pelo menos, ela não comentou comigo...

— Mas pode ter comentado com o amigo Henry...

— Não!

— E talvez ele seja mais do que um simples amigo...

— Não! — ela repetiu mais alto.

— Como pode ter tanta certeza? Você sabe muito pouco sobre ele, mas ele poderia saber tudo sobre você, através de Cindy.

— Não... — Githa sussurrou, balançando a cabeça, mas sabia que ele tinha razão. E Cindy não lhe contara sobre Henry. Por quê? Mas não podia ser Henry! Não podia, tendo feito amor com ela como fizera!

— Bem, se não for esse tal de Henry, é alguém que você conhece — Etienne insistiu. — Quase sempre é.

CAPÍTULO VI

Vá para o hotel, Githa — Etienne disse, muito mais amigável. — E pense em tudo que eu lhe disse. Irá ao lançamento amanhã e distribuirá sorrisos a todos os presentes. Depois volte para casa e descubra quem está fazendo isso com você. Se estivesse em seu lugar, ficaria de olho em Cindy e nesse seu novo amigo.

Githa levantou-se e saiu da sala, desolada.

— Sinto muito. — Claire tentava ser simpática.

— Tudo bem.

— Se puder fazer algo para ajudá-la...

— Obrigada, mas não sei nem por onde começar.

— Descanse, é o melhor que tem a fazer agora.

Githa foi levada pelo motorista de Etienne até o saguão do hotel e subiu diretamente para o quarto.

As palavras do chefe latejavam em sua memória. Henry... Seria ele o responsável por tudo aquilo? Ele não estava apaixonado por ela, Githa sabia disso. A mãe dele tinha sido absurdamente maligna e cruel com ela. Por que ele quisera apagar as marcas das pichações rapidamente? Talvez estivesse cansado de ser um maníaco a distância e resolvera ver a reação dela de perto...

Não! Henry, não! Seria um golpe muito violento para ela.

Aquilo estava se tornando uma paranóia, pensou Githa desanimada. Ela tinha muitos motivos para estar fora de controle. Estava prestes a perder o emprego, um contrato lucrativo, sua nova casa em Kensington, e corria o risco de não conseguir outro emprego se aquelas fotos fossem publicadas.

Impaciente, levantou-se da cama e pegou um bloco de anotações do hotel. Sentou-se à mesa para fazer uma lista de todas as pessoas que conhecia. Gente que conhecia havia muitos anos e gente que acabara de conhecer. E não somente ingleses, franceses também.

As últimas cartas tinham sido postadas na Inglaterra e as mais antigas foram deixadas em sua caixa de correio, mas aquilo não importava, as pessoas viajavam de um lado para outro o tempo todo.





Como ninguém nunca tinha visto nada? Como ninguém nunca tinha sido visto colocando cartas em sua caixa de correio? E por que tinha que ser alguém que ela conhecia? Se descobrisse um suspeito, como provaria sua culpa?

Ela largou a caneta, apoiou a cabeça entre as mãos e suspirou. Sentia-se num beco sem saída.

Githa pediu a refeição no quarto e deitou-se muito cedo. Apesar do cansaço, não conseguiu pregar os olhos um minuto sequer. Etienne não iria gostar nem um pouco se a visse chegar ao lançamento com o rosto amassado e olheiras profundas, pensou ela ao ver a face abatida refletida no espelho.

Depois de tomar banho, Githa maquiou-se com esmero.

O lançamento do novo perfume da Varlane foi um sucesso. Githa passou grande parte do evento com um sorriso nos lábios e um único pensamento em sua cabeça: quem seria que estava tentando destruí-la.

A imprensa cobriu com relativo destaque a súbita troca das modelos, mas ela saiu-se muito bem respondendo as inúmeras perguntas dos jornalistas. Assim que tudo terminou, fez as malas e voou de volta para casa.

No avião, ela olhava pela janela pensativa. Será que Henry a procuraria quando chegasse? De volta a sua casa, Githa deixou-se afundar no macio sofá da sala em frente à televisão. Quando a campainha tocou, ela não se surpreendeu. Sabia que era Henry.

Respirou fundo antes de abrir a porta. A presença dele em sua casa novamente lhe causou enorme impacto. Githa vinha mentindo para si mesma, e sabia disso. Estava apaixonada por Henry, loucamente apaixonada.

Queria atirar-se nos braços dele e implorar por seu amor. Mas não podia fazer isso. E se fosse ele o...

Ela examinou seu rosto em silêncio. Os distantes olhos cinzentos pareciam infinitamente mais frios do que da última vez que tinham se visto.

Githa o convidou para entrar tentando disfarçar a falta de jeito.

Henry não era bobo. Tinha a percepção afiada como navalha e nada lhe passava despercebido.

— O que há de errado com você?

— Nada.

Seria melhor que não se abrisse com ninguém. Nem com Henry, por enquanto.

Ela o levou pelo estreito corredor até a cozinha bem iluminada.

— Ainda está de mau humor?

Githa meneou a cabeça negativamente.

— Por que não me beijou, então?

— Henry, eu...

Ela arrependeu-se de falar no mesmo instante em que abriu a boca. Não tinha nada para dizer a Henry. Sentia medo, medo de ser ele o chantagista que a ameaçava, medo de estar envolvida com um homem sem caráter, medo de estar apaixonada por alguém que jamais seria capaz de retribuir o seu sentimento. Githa deu as costas para ele e começou a mexer nas plantas apoiadas no batente da janela.

— Não é você, é? — ela perguntou em voz baixa.

— Eu, o quê?

— Etienne me disse que...

— Quem é Etienne?

— Etienne Varlane, o diretor da empresa de cosméticos da qual sou garota propaganda. Ele acha suspeito você ter aparecido em minha casa logo depois que picharam a parede e ter se interessado por mim antes mesmo de me conhecer. — Githa virou-se para ele aflita.

— Você e Cindy eram os únicos que sabiam que eu ia para aquele chalé em Shropshire. E você não apareceu em nenhuma fotografia... — Não faria isso comigo,





faria, Henry? Ele cruzou os braços e encostou-se contra o grande balcão de mármore da pia.

— Você está me acusando de ser o homem que a está atormentando?

— Não, isso não é uma acusação — ela negou angustiada.

— Só estive pensando que...

— Adeus, Githa.

Antes que ela pudesse alcançá-lo, Henry bateu a porta da sala e foi embora.

— Henry! — Githa ainda gritou pela janela da cozinha, mas ele nem sequer olhou para trás.

Furiosa consigo mesma, pegou um dos vasos de plantas e jogou-o contra a parede, despedaçando-o em mil pedaços.

— Eu te amo, Henry! — ela gritou, sentindo as lágrimas escorrerem por seu rosto transtornado. — Mas preciso saber a verdade!

Ele não negara, não tentara acalmá-la, não fizera absolutamente nada. Por quê? Githa chutou a cadeira que estava em seu caminho, sentindo um ódio profundo de sua própria ingenuidade em acreditar que ele iria confessar que era o homem que a perseguia.

A chave daquele enigma podia ser uma só. Cindy. Talvez ele e Cindy fossem realmente mais do que amigos. Por isso quando a mãe dele a flagrara no quarto...

Mas ele não poderia fazer amor com ela se estivesse apaixonado por outra! E Cindy era sua amiga e teria contado para ela se tivesse algo mais com Henry. Ou não?

É claro que existiam homens que faziam amor com uma mulher estando apaixonados por outra, pensou Githa.

Cindy podia ter pedido a ajuda de Henry para se vingar dela. Talvez sua amiga de infância tivesse se sentido magoada ao vê-la vencer o concurso da Varlane e tivesse decidido se vingar por não ter sido a escolhida. "Trapaceira Miserável". Fazia sentido...

Githa nunca desejara tanto ter alguém com quem pudesse conversar. Mas ela não tinha ninguém, nem mãe, nem irmã, ninguém.

Buscou a lista telefônica e achou o número da agência que tinha feito a propaganda da companhia aérea. Puxou o telefone até o colo e discou o número.

— Sei que isso não é ético e nem permitido, mas preciso saber quem se inscreveu para o concurso de garota propaganda da companhia aérea. Quem foi classificado. Sou Githa James, a vencedora. Por favor, é muito importante.

A moça do outro lado da linha soletrou dois nomes, da segunda e da terceira finalista. Alison Dear e Mandy Crowe. Githa não conhecia aquelas moças, mas saber que Cindy não estava entre as finalistas a tranquilizou.

Ela desligou o telefone e subiu os degraus da escada que a levavam até o seu quarto em busca de todos os bilhetes que haviam sido mandados nos últimos três meses.

E os releu novamente à procura de novas pistas, outras referências, algo que afastasse aquela nuvem escura de cima de sua vida para sempre. Nenhuma das cartas era muito reveladora, nem as mensagens eram diretas.

Se não era Cindy, então não poderia ser Henry também, pensou ela. Quem a estava tentando enlouquecer, quem?

Pensou em Henry partindo, em Etienne ameaçando tirar-lhe o emprego... Perderia tudo se não descobrisse logo toda a verdade.

Githa guardou as cartas de volta na gaveta do criado-mudo, decidida a esquecer o assunto. Preparou o almoço, limpou a casa, mas sua mente não parava. Estava guardando a roupa limpa no armário quando o telefone tocou. Era Cindy, com seu habitual entusiasmo.

— Oi!

— Oi, Cindy, como está? — Githa disfarçou o desânimo.

— Estou bem. Como foi no chalé? Divertiu-se? E Paris?

— Foi tudo bem. Obrigada mais uma vez por ter me emprestado o chalé. A





propósito, você disse a alguém que eu iria para lá?

— Não, por quê?

— Por nada.

— Tem que ter um motivo! Aconteceu alguma coisa em Shropshire? Parece estar terrivelmente deprimida.

— Não. Estou apenas cansada.

— E na Varlane?

— Como assim, Cindy?

— O pessoal de lá já sabe sobre o maníaco?

— Sim.

— Que bom. E eles não ameaçaram te despedir ou alguma coisa assim?

— Despedir? Por que fariam isso?

— Ah, não sei. Só estava preocupada com você, só isso.

— Obrigada. Cindy?

— Sim?

Githa ia perguntar à amiga sobre sua participação no concurso para a propaganda da companhia aérea, mas mudou de idéia.

— Não, nada.

O nome de Henry não foi mencionado nenhuma vez durante a conversa. Talvez ele não tivesse comentado nada com Cindy sobre o envolvimento deles, pensou Githa. E ela própria achou melhor não comentar, porque ainda não tinha certeza da inocência da outra mulher. Essa era a verdade, não confiava mais em Cindy nem em ninguém.

Na manhã seguinte, um gatinho de pelúcia com a face completamente destruída fora deixado na porta da casa de Githa. Ela sentiu-se muito mal com a terrível provocação e se desfez do brinquedo.

Um dia depois, um misterioso envelope marrom a aguardava na caixa de correio. Dentro dele, Githa encontrou uma página de jornal com sua foto estampada. Nua. A manchete com letras garrafais não deixava dúvidas. "A garota Varlane como você nunca viu!". Ela não conseguiu ler o resto, amassou o papel e o jogou na lixeira do jardim. O chantagista cumprira sua promessa conforme o prometido, concluiu ela. Githa correu até as casas vizinhas perguntando aos moradores se tinham visto alguma coisa, alguém suspeito, mas todos negaram.

Meia hora depois, Etienne Varlane ligou. Ele tinha acabado de receber um pacote com conteúdo idêntico.

— Sinto muito, Githa.

— Tudo bem — ela concordou desanimada.

— Se algum jornalista nos procurar, deixarei bem claro que fomos vítimas e que essa foto foi tirada sem o seu consentimento. Mas...

— Sim — ela concordou.

— Receberá um último pagamento...

— Obrigada, Etienne. É muita generosidade sua.

— Sinto muito, muito mesmo. Sentiremos sua falta. Foi um prazer trabalhar com você. Ah, estou te mandando uma lista com o nome das modelos que se inscreveram para ser o rosto do ano.

— Obrigada.

— O nome de Cindy Barton está na lista. Boa sorte, Githa — ele concluiu calmamente e desligou o telefone.

Githa, atônita, segurava o telefone na mão. O quê? O nome de Cindy estava na lista?, ela pensou confusa. Cindy nunca lhe dissera que havia se inscrito. Talvez tivesse esquecido ou não achasse que fosse importante dizer. Quem sabe tinha contado somente a Henry... Tudo sempre terminava em Henry, pensou ela. "Esse homem é perigoso", a assistente do estúdio tinha lhe alertado do perigo.





Ela deu um leve suspiro tentando aliviar a tensão. Seu peito doía, amargurado. Queria fugir, se esconder, estar em qualquer outro lugar que não fosse ali, ser qualquer outra pessoa que não fosse ela mesma. Quantas pessoas tinham visto o jornal?, ela imaginou. Quantas pessoas conhecidas?

Ela lembrou-se do bilhete ameaçador enviado a Etienne. Em sua última conversa com Cindy, ela havia lhe perguntado se havia sido despedida. Githa respondera que não. E agora descobria que o nome de sua amiga aparecia na lista do concurso...

Mera coincidência?

Sem se preocupar com a aparência descuidada, Githa pegou a bolsa, calçou os sapatos e foi procurar Cindy. Precisava eliminar aquela suspeita. Henry amava Cindy? Havia se unido para destruí-la? Tinha que obter uma resposta para suas indagações imediatamente.

A amiga não estava em seu apartamento. Um vizinho comentou que ela tinha ido para Shropshire passar o final de semana. Estava no chalé ou então na casa de Henry, pensou Githa tomando a estrada que levava a Shropshire.

Logo que estacionou o carro na frente do chalé, Githa percebeu que a casa estava vazia. Cindy não estava lá. Só existia um lugar onde sua amiga poderia estar. Não, não tinha coragem de procurar por Cindy na casa de Henry. E se a mãe dele estivesse lá, o que diria?

Parou na estrada, indecisa, quando viu um fazendeiro da região seguir a trilha para casa a pé. Ela caminhou até ele e perguntou-lhe sobre Cindy. O homem simpático riu com a pergunta.

— Quer saber se tenho visto Cindy por aqui? O que eu mais faço é vê-la! Na semana passada, esta semana, e agora mesmo a vi seguindo para o casarão.

Githa sentiu seu peito apertar com as palavras do fazendeiro. Cindy estivera ali na semana passada?! Impossível. Ela estava hospedada no chalé na semana anterior. Aquele pesadelo precisava terminar, e agora.

Atravessou a trilha até o solar com passos firmes e decididos. Tocou a campainha e esperou. Havia uma explicação para tudo o que acontecia ali e ela iria descobri-la a qualquer custo.

Foi Cindy quem atendeu à porta. Surpresa com a presença de Githa, arregalou os grandes olhos azuis.

— Por quê? — Githa perguntou.

— Por que o quê? — a outra mulher sorriu. — Não fique parada aí fora, entre.

— Não, obrigada — Githa respondeu. — Apenas me diga por quê. Não negue. Sei de toda a verdade.

— Githa, não sei do que você está falando.

— Sim, você sabe.

E foi como se todo o passado de Githa desabasse diante de seus olhos. A grande amiga que ela tinha conhecido aos onze anos de idade transformou-se num piscar de olhos. Os grandes olhos azuis ficaram tensos e sua expressão séria.

— Por que fez isso, Cindy? — Githa perguntou novamente.

— Porque você sempre roubou tudo o que era meu.

— Não seja ridícula. — Githa sentia o sangue correr por suas veias com rapidez.

— Achou ridículo eu me inscrever para o concurso da companhia aérea também?

— Mas você não queria participar do concurso, Cindy. Você me disse que não queria.

— E o que mais eu poderia dizer? Sou prática diante das adversidades da vida.

— O que você quer dizer com isso?

— Que se soubesse que eu ia participar do concurso iria se inscrever também. Você sempre fez isso. Rouba tudo o que é meu.

— Mas nós somos amigas!

— Somos? Você sabe por que eu nunca te convidei para ir a minha casa?

Atordoadas, Githa meneou a cabeça negativamente.

— Você nunca pensou no porquê?





— Não — ela respondeu. E Cindy riu. Uma risada desdenhosa, zombadora, cruel.

— Aprendeu a aceitar qualquer coisa. É uma estúpida! Nunca suportei essa sua bondade forçada, seus gestos caridosos. Não agüentava ouvir todos repetirem o quanto é maravilhosa, generosa, bonita.

— Não seja rid...

— Você é ridícula, Githa, não eu. As pessoas a protegem, a mimam, enquanto eu sou tratada sempre como a melhor amiga da mulher mais divina do universo. Chega!

— Por que você continuou ao meu lado todos esses anos? — Githa questionou perplexa. — Se você me odeia tanto, então por que continuamos amigas?

— Porque estar em segundo lugar era melhor do que não estar em lugar nenhum. Como sua "amiga" eu era alguém. Você era sempre a vencedora, ganhava tudo, não é mesmo? Sem esforço, sem nem mesmo tentar. Sempre a líder de tudo. Nos esportes, nas lições, nas brincadeiras. Sem você, ninguém nunca teria me notado. E eu gosto de ser notada. Então me tornei sua amiga. E teria continuado, para sempre, se você não tivesse tirado de mim o que eu mais sonhei em toda minha vida.

— A propaganda da companhia aérea — Githa disse.

— Sim.

— Mas se não tivesse sido eu...

— Teria sido outra pessoa. Ah, eu sei disso. Eu só não queria que fosse você. E você disse que não queria.

— Mas eu não queria.

— Por que então aceitou o convite? Quantos homens precisou agradar, Githa? Deixe-me ver, o produtor, o diretor...

— Eu nunca... ninguém, jamais!

— Nunca? Então, como conseguiu ser a premiada? Sempre rindo, sempre sorrindo; todos gostam de você, não gostam? "Ah, Githa é uma garota muito legal", "Githa faz qualquer coisa para ajudar alguém", "Githa é uma mulher especial". "E você, Cindy como se sente sendo amiga de uma pessoa tão fascinante? Tem muita sorte, Cindy, muita sorte". Sempre fui a mais bonita e a mais inteligente. Mas, por que não fui escolhida para a propaganda? Por que não fui eleita Miss Varlane?

— Resolveu me punir por isso, Cindy?

— Sim. Queria provocá-la, amolá-la, nada além disso. Mas você tinha que ir mais longe. Quis me tomar Henry também. Eu observei vocês. E foi nojento. No chão da cozinha! Henry nunca se comportou dessa maneira. Ele é exigente e elegante. Nunca se comportaria de uma maneira tão baixa! Mas você tinha que tê-lo, não tinha? Tinha que seduzi-lo! Fazê-lo parecer um idiota...

— Não...

— Sim! — Cindy gritou. — Fiz tudo para mantê-la afastada de Henry esses anos todos porque eu sabia que isso iria acontecer. Sabia que ele seria seduzido por esse seu jeito falso. E então ele viu aquele comercial... — Sem fôlego, ela respirou fundo e continuou: — Tentaram manter o caso de vocês em segredo, não é? Nem ele, nem você me contaram nada.

— Você me emprestou o chalé porque lá seria mais fácil me perturbar — murmurou Githa. — Você não esperava que Henry também fosse, não sabia que iríamos nos encontrar, não é mesmo? — Ela sabia pela expressão raivosa de Cindy que estava certa. — E então você me seguiu...

— Venho a seguindo por toda parte — ela confessou convencida.

— Como? — Githa questionou perplexa. — Devia estar trabalhando. A levei até o aeroporto...

— Meu carro estava no estacionamento do aeroporto.

— Planejou tudo com antecedência... — Githa sussurrou tristemente.

— Claro.

— Foi você quem tirou as fotografias?





— Sim. Ficaram boas, não?

— Não, Cindy, ficaram horrorosas. Assim como você. É uma covarde. Como pode julgar alguém dessa forma? Se tivesse me dito que seu maior sonho era participar do comercial, eu teria desistido. Por você, por nossa amizade. Tudo isso poderia ter sido evitado.

— Não tenho tanta certeza assim.

— E eu sei por quê, Cindy. Porque se divertiu em me ver sofrer.

— Sim. Não irá me denunciar à polícia, sua idiota?

— Não. A idiota não irá te denunciar.

Sentindo-se profundamente infeliz, ela olhou para o rosto de Cindy. Um rosto que ela imaginara ter conhecido tão bem. Observou suas feições mudarem outra vez. O som de um carro na varanda chamou sua atenção. Cindy correu desesperadamente para os braços de Henry que chegava naquele instante.

Henry, assustado, olhou para Githa em pé diante da porta. Ele usava um elegante terno cinza e uma capa de chuva. Ela nunca o tinha visto vestido daquele jeito. Parecia mais frio e distante que nunca.

Cindy debulhou-se em lágrimas assim que o alcançou, mas Henry afastou-se da mulher chorosa e caminhou na direção de Githa.

— Vi o jornal esta manhã. Fiquei preocupado com você e fui até sua casa. Como não estava, fui até o apartamento de Cindy procurá-la e o vizinho me disse que estivera lá horas antes procurando por ela.

— E veio até aqui para me encontrar?

— Sim. Não podia permitir que acusasse Cindy, assim como fez comigo. Mas cheguei tarde demais. Está atormentada, Githa. Quem mais irá acusar? Minha mãe, meu padrasto? Acha que fizemos uma conspiração familiar contra você?

— Não se preocupe mais comigo, Henry. Já ouvi o bastante por hoje.

— Vá, Githa e não volte mais, está bem?

— Fique tranqüilo — ela concordou. — Não voltarei. — Githa encarou os olhos cinzentos dele e encheu-se de tristeza. — E pensar que me apaixonei por você, Henry.

— É mesmo? — ele perguntou sem interesse.

— Sim.

Ela se despediu com um leve sorriso e foi embora. Nunca pensou que se sentiria tão magoada e tão ofendida como estava se sentindo naquele dia. Tinha sido brutalmente odiada por sua melhor amiga por dezesseis anos e não sabia. Como pudera nunca desconfiar de nada?

E Henry pouco se importava com seu sofrimento.

Ela não sabia por onde guiava o carro e nem que direção havia tomado, mas continuou indo, indo e indo.

Pensava em Henry. Será que ele sabia? Ele suspeitava que o chantagista que a ameaçava pudesse ser Cindy?

Pouco provável. Nem ela havia suspeitado de nada. Como pudera ser tão cega? Será que era tão egoísta como Cindy havia lhe dito? Será que passara toda a vida renegando os sentimentos da amiga? Tivera muita sorte e pensava que seus amigos estavam felizes com o seu sucesso assim como ela também ficava quando o mesmo acontecia com eles. Nunca fora invejosa ou ciumenta. Ela não queria ter participado daquela propaganda da companhia. Fora escolhida por acaso. E depois viera a proposta da Varlane.

Tudo acontecera sem que planejasse. E na escola? O que ela tinha feito na escola para ser odiada? Era boa nos esportes, nos estudos e líder de torcida. Será que Cindy também queria ter sido líder de torcida?

Alguém buzinou e acendeu o farol alto a sua frente. Só então Githa percebeu que já estava ficando escuro. Não tinha a menor idéia para onde ia, mas tampouco estava preocupada com isso.





Parou duas vezes para abastecer e mesmo assim só porque o marcador indicou que o nível da gasolina estava muito baixo. Sem isso, provavelmente teria continuado sem parar. Precisava de um tempo para recomeçar, colocar os pensamentos em ordem.

Tinha dinheiro suficiente para as necessidades imediatas, Etienne prometera-lhe depositar mais um pagamento.

Não precisava ir para casa. Não, por enquanto. As contas estavam em débito automático no banco, e Jenny tinha a chave de sua casa. A vizinha poderia recolher a correspondência e regar as plantas para ela.

Quanto mais pensava nessa possibilidade, mais instigante a idéia lhe parecia. Um mês, ela decidiu. Iria viajar por um mês, ver todos os lugares que nunca tinha visto por falta de tempo. Dormiria no primeiro hotel que encontrasse, compraria novas roupas, malas e artigos de higiene.

E foi exatamente aquilo o que fez.

Um mês depois, no primeiro dia de junho, Githa voltou a Kensington. Ao adentrar a rua arborizada, olhou para a pequena e escondida casa que comprara há pouco tempo como se nunca a tivesse visto em toda a sua vida. Iria vendê-la o quanto antes e mudar para um lugar mais simples onde pudesse viver em paz com seu bebê.

Githa não tinha ainda procurado um médico para confirmar a gravidez. Mas, diante do atraso, não tinha dúvidas de que esperava um filho de Henry. Tinha se esquecido de tomar a pílula uma ou duas vezes no chalé. Tomara mais tarde, quando se lembrara, mas tinha sido tarde demais.

Sentia seu corpo mais feminino e sensual. A natureza operava em seu ventre uma mágica sublime e nada a impediria de viver aqueles nove meses como sempre sonhara.

Que ironia! Ter um filho de um homem que não gostava de crianças, não desejava uma esposa e nem uma família. Henry não gostava mais dela. E ela precisava se mudar de Kensington o quanto antes.

O escritório de Henry ficava a apenas alguns quarteirões de sua casa e ela não poderia se arriscar a ficar encontrando-o a toda hora. Arriscar que ele visse sua barriga crescer e crescer...

Com um triste e exausto suspiro, Githa apoiou a cabeça no volante e pensou se sua vida poderia se tornar ainda pior.

Saiu do carro, estacionado em frente à casa, sentindo-se muito cansada. Aquela não parecia ser mais a sua casa.

Meia hora depois, a campainha tocou. Devia ser Jenny com sua correspondência, pensou ela abrindo a porta.

Githa não conseguiu esconder o choque ao ver Henry parado junto à soleira da porta.

CAPÍTULO VII

Henry usava a mesma capa de chuva que Githa o vira usar no último dia que se encontraram no solar. Estava de costas para a porta e o colarinho branco de sua camisa podia ser visto ao pé da nuca.

Ele virou-se vagorosamente e encarou o rosto cansado de Githa.

— Olá — murmurou, endereçando-lhe seu triste olhar cinzento.

Ela desviou os olhos.

— Vá embora, por favor.

— Não. — Henry entrou e fechou a porta. Githa caminhou agitada até a cozinha.

— Você está bem? — disse ele.

— Muito bem.

— Onde esteve todo esse tempo?

— Viajando.

— Onde?





— Em vários lugares. Isso importa?

— Não — Henry concordou, parecendo tão cansado quanto ela. — Depois que nos despedimos naquele dia voltei para cá. Passei a noite esperando-a chegar em casa. Acordei no dia seguinte, dentro do carro. Pensei em chamar a polícia, ir a hospitais... Estava desesperado. Se Jenny não me avisasse que tinha ligado... — Impaciente, ele a segurou pelos ombros e puxou-a para perto.

— Não. — Ela recuou. — Como soube que voltei para casa?

— Havia uma mensagem em minha secretária eletrônica quando voltei dos Estados Unidos. O rapaz que paguei para vigiar a casa em minha ausência viu o carro e me avisou.

— E o que você quer comigo?

— Falar com você, explicar... Eu tive que ir a Nova York. Não podia mais adiar alguns compromissos de trabalho. Perdi a conta de quantas vezes cancelei o voo na esperança de poder vê-la antes de partir. — Henry parecia sincero. — Observei Cindy pelo retrovisor do carro quando deixei o solar naquele dia. Foi um relance, mas muito claro, nítido. Ela sorria satisfeita. E então eu descobri tudo.

— Você já sabia antes.

— Como?

— Você já sabia que Cindy era a responsável pelas cartas, pelas pichações, pelas fotos — disse Githa. — Quando voltei de Paris estava diferente. Mais frio e distante. E não quis me contar para protegê-la.

— Não, eu não sabia de nada.

— Então, por que mudou comigo? — ela perguntou, disfarçando a profunda curiosidade.

— Lembra-se de Matthew? — ele disse calmamente. — Aquele que você disse ter sido seu único namorado antes de mim?

— Matthew? O que você sabe sobre Matthew?

— Que você ainda o encontrava. Tinha se tornado amante dele outra vez depois que o casamento dele acabou.

— O quê? — Githa exigiu que ele explicasse. — Que história absurda é essa?

— Mentiu para mim, Githa. Vocês ainda eram amantes.

— Amantes? Você está louco!

— Esquece-se que Cindy também o conhecia.

— Sim, é claro que ela o conhecia. Ela conhecia todos os meus amigos. Por que não conheceria Matthew? Nós éramos muito amigas.

— Eu sei disso — Henry concordou suspirando. — Ele é fotógrafo, não é?

— É, e daí?

Henry esperou que Githa descobrisse sozinha o que ele já sabia.

— Não pode ser — ela negou com a voz rouca. — Matthew... Cindy... Não!

— Ele emprestou a máquina para Cindy. Matthew não tem culpa. Ele não sabia quais eram suas intenções. Um dia, antes de você voltar de Paris, Cindy me contou que você e Matthew ainda se encontravam e que isso tinha acabado com o casamento dele. Por isso eu estava zangado. Não gostei de saber que se encontrava com outro homem, que tinha mentido para mim.

— Por que não me perguntou? Virou-se, foi embora e pronto, tudo estava acabado.

— Você me acusou de ser a pessoa que te perseguia.

— Não o acusei. Estava confusa e precisando de apoio. Vá embora, Henry — ela pediu. — Não temos mais nada a dizer um ao outro.

Githa voltou os olhos para a janela da cozinha. Estava mentindo e não tinha coragem de encará-lo. Ela tinha algo muito importante para dizer para Henry. Queria dizer-lhe que estava grávida, que esperava um filho dele.

— Githa...

— Vá embora! — ela gritou.





— Entendo que esteja magoada, eu também estou.

— Não foi o seu melhor amigo quem o apunhalou pelas costas, Henry. Não foi uma foto sua sem roupa que virou manchete de tablóides sensacionalistas. Não perdeu o seu emprego e nem está apaixonado por alguém que não te quer. Agora, vá, por favor. Quero ficar sozinha.

— Eu sou o culpado pelo que Cindy fez com você. Deveria ter percebido do que ela era capaz, há muito tempo. — Ele apoiou as mãos no encosto da cadeira e sentou-se de frente para Githa. — Eu devia ter confiado mais em meus instintos.

A vingança de Cindy não era por causa do seu sucesso repentino, Githa. Era por minha causa.

Henry tinha os olhos caídos, tristes, e parecia muito cansado.

— Eu achava que podia olhar para alguém e saber como essa pessoa era. Julgava o caráter de todo mundo e nunca achei que algum dia me enganaria. Conheço Cindy desde que ela tinha cinco anos de idade e nunca soube o que ela sentia por mim. Até aquele dia... Foi horrível! Ela confessou tudo o que tinha feito para afastar você de mim, disse que me amava, implorou...

— Eu posso imaginar.

— As fotos, as ameaças, os bilhetes, tudo foi por minha causa.

— Impossível. Comecei a receber as cartas três meses antes de te conhecer, Henry.

— Cindy soube de meu interesse por você antes de todo mundo. Três ou quatro meses atrás eu vi um comercial na televisão em que você aparecia e liguei para ela. Perguntei se ela conhecia você. "Por quê?" ela perguntou, "Quer conhecê-la?" E eu disse que sim. Não notei nenhuma amargura em sua voz, nenhuma raiva. Perguntei a ela como você era e onde morava. Ela disse que não sabia, que você tinha acabado de se mudar.

— Ela me odiava. Sempre me odiou. Na escola...

— Não.

— Como assim? Ela mesma confirmou isso, Henry. Ouvi-a dizer que sempre me odiou.

— Era inveja, não ódio. O ódio veio quando, pela primeira vez, mostrei interesse por você. Isso foi na mesma época em que você assinou o contrato com a Varlane.

— Então isso nunca teria acontecido se...

— Não.

Githa fechou os olhos, tensa.

— Desde a primeira vez que te vi, Githa, nunca mais tive um único momento de paz e uma noite decente de sono.

Persegui você incansavelmente e agora me sinto culpado por tudo que está sofrendo. No dia em que você me acusou...

— Eu não o acusei — ela negou mais uma vez. — Eu só queria ouvi-lo dizer que não era você o responsável por aquele pesadelo. Eu não o conhecia, Henry. Você não estava nas fotos, e surgiu na minha vida tão de repente... Eu estava assustada, aborrecida, magoada. Para quem eu pediria ajuda? Eu não tenho família.

— Eu estava bravo — ele disse novamente. — E sim, você tem razão, essa era a conclusão mais lógica. Mas achei muito difícil conciliar a pessoa que eu estava conhecendo com a pessoa que Cindy sempre disse que você era. A pessoa que estava tendo um caso com Matthew.

— Ainda acredita que eu tinha um caso com Matthew?

— Cindy disse que estava preocupada com você e... Droga! Ela parecia mesmo muito preocupada. Disse que você estava sofrendo por amar Matthew tão loucamente. Eu não fazia a mínima idéia de que ela sabia sobre nós e que estava tentando nos separar.

— Por que você nunca contou sobre nós? Sabia que isso poderia acontecer quando ela soubesse do nosso relacionamento?

— Não, claro que não. Eu nunca conto nada a ninguém. Minhas suspeitas começaram quando vi as fotos. Pelo ângulo que foram tiradas, só podiam ter sido





tiradas de minha casa, mais precisamente do meu quarto.

— Então ela estava na sua casa quando nós...

— Sim. E você, por que você não contou a ela, Githa? Era sua amiga e amigas fazem confidências, não?

Ela deu um leve sorriso.

— Sim, mas eu não queria falar com ninguém sobre isso. Em primeiro lugar, porque estava envergonhada com meu comportamento. Eu nem o conhecia direito... E depois, porque nosso envolvimento era importante para mim. E quanto a Matthew, não o vejo desde que ele conheceu Christine, sua esposa. Poderíamos continuar amigos, mas nos afastamos naturalmente. Eu não sabia que o casamento dele tinha acabado, mas Cindy obviamente continuou mantendo contato com ele.

— Parte de mim acreditou em Cindy — disse Henry. — Mas outra parte não. Conheci você, sabia que alguma coisa na história de Cindy estava distorcida. Apesar de seu rosto nas revistas insinuar coisas muito piores a seu respeito...

— Não sou igual a Miss Varlane ou a nenhum outro personagem que já interpretei. Sou eu mesma, a Githa que você conheceu.

— Agora eu sei disso, mas no começo não. Eu só sabia que te queria e que estava muito atraído por você. Cindy parecia sempre muito convincente. Minha família pensava que você era uma oportunista, que usava Cindy o tempo todo. Ela contou que você a imitou quando foi trabalhar na companhia aérea...

— Não foi bem assim. Na verdade ela foi quem me imitou — Githa esclareceu. — Eu entrei primeiro na companhia e alguns dias depois ela apareceu por lá. Havia sido admitida para as aulas de iniciação e estava radiante de felicidade. Fiquei feliz em vê-la bem e achei que seria divertido trabalharmos juntas. — Ela olhou para Henry com tranquilidade.

— E por isso que sua mãe me odiava, não é? Porque ela pensava que eu não era uma boa amiga para Cindy. E ela era como uma filha para sua mãe. Certamente, não queria o filho dela dormindo com uma qualquer.

— Não, minha mãe nunca odiou você — Henry protestou.

— Cindy nos fez acreditar que você estava arruinando a vida dela. Toda aula que ela fazia na escola, você também fazia. Pelo menos era isso o que dizia. Música, artes, jogos, tudo. Você foi atrás dela na companhia aérea, conseguia os melhores vôos, flertava com o piloto por quem ela estava apaixonada debaixo do nariz dela...

— O quê? — Githa não podia acreditar no que ouvia.

— Não me lembro do nome dele — disse Henry. — Mas ela nos garantiu que viu um dos pilotos saindo de seu quarto.

— Se algum piloto, algum dia, saiu do meu quarto, era porque eu não estava lá.

— Entende agora o comportamento de minha mãe? Tínhamos motivos para não confiar em você.

— Pensavam que eu era uma aproveitadora sem escrúpulos que se entregava a qualquer um só para conseguir o que queria.

— Sim. Você sabia que Cindy estava desesperada para ser a aeromoça no comercial?

— Não. Ela pareceu até estar feliz por mim, contente. Estou me sentindo péssima. Nunca passou pela minha cabeça que minha melhor amiga nem mesmo gostasse de mim. Éramos quase como irmãs. Pensei que ela sentisse por mim o mesmo que eu sentia por ela.

— Não a entregou à polícia?

— Não.

— Por quê?

— Porque era minha amiga e isso me machucaria ainda mais. — Githa virou-se, tentando desconversar.

— Mas ela arruinou sua carreira e assustou você.

— Sim — ela sussurrou enquanto enchia a chaleira com água e a colocava de





volta no fogão. — Vivi uma mentira por dezesseis anos.

— Não pense assim, Githa. Cindy guardou ressentimentos que só vieram à tona quando você...

— Quando ela achou que eu estava tentando conquistar o homem que ela queria. Sim, porque ela jamais acreditaria que você era quem estava me seduzindo.

— Nunca imaginei o quanto aquela perseguição a atormentava até ver sua reação com as fotos, no chalé.

— Mas quando eu recebi as fotografias você não pareceu nem mesmo preocupado. Você não ficou bravo ou chateado. Ficou indiferente, como sempre.

— Não é verdade. Pedi a John, o rapaz da manutenção, que ficasse de olho em estranhos e informasse a polícia local sobre as ameaças que você vinha sofrendo.

— Ninguém nunca suspeitaria de Cindy.

— Não. Nem os cachorros.

— E meus vizinhos também nunca desconfiaram de nada porque Cindy não era uma estranha. Ela era minha amiga e estava me ajudando.

— Sim. Ela me entregou os negativos — Henry completou. — E eu os destruí.

Githa ficou em silêncio e não comentou mais nada. Acendeu o fogão tentando imaginar como Henry havia tomado os negativos de Cindy.

— E quando voltou de Paris, por que não me disse que estava prestes a perder o emprego? Que tinha sido substituída no lançamento do perfume?

— Porque você foi embora antes que pudesse lhe contar qualquer coisa.

— Quando vim até sua casa naquele dia eu já tinha decidido acabar com tudo. Estava ficando complicado demais. Eu estava envolvido demais, sentia muita saudade, mas disse a mim mesmo que precisava superar isso. Mas, então, vi sua foto na banca de jornal e... — Henry olhou para as costas dela, os cabelos brilhantes jogados sobre os ombros. Sentiu vontade de tocá-la, acariciá-la, beijá-la. — Desculpe-me, Githa.

— Vá embora, Henry. Nada disso faz sentido. Você nem mesmo gosta de mim.

— Tente entender, Githa. Sinto-me atraído por você, a desejo loucamente, mas não quero me envolver, não quero um compromisso. E não posso aceitar agir como um adolescente desenfreado. Eu tenho trinta e seis anos de idade, sou racional, bem educado, um homem de bom senso.

Githa apagou o fogo da chaleira e olhou de volta para ele.

— Minha mãe sentiu-se mal pelo modo como a tratou. Ela gostaria de poder se desculpar.

— Não é preciso. Não sou de guardar rancor.

— Escute, estou cansado com a diferença de fuso horário e nem tive tempo de pensar com calma desde que cheguei a Londres. Você não tinha outro dia para voltar de viagem?

— Desculpe-me, Henry, mas não quero mais ver você.

— Achei que também tivesse gostado dos dias que ficamos juntos.

— E gostei. Mas não posso aceitar viver algo que me incomoda. Não gosto de relacionamentos passageiros.

— Quer algo permanente, então?

— Não. Quero algo mais, quero sentimento, Henry, sentimento.

Ele hesitou por um momento antes de murmurar:

— Você disse que estava apaixonada por mim.

— Estava — Githa enfatizou. — Não estou mais. Vá embora, Henry.

Ela virou-se, sem conseguir encará-lo de frente. Reacendeu o fogo e alcançou o bule de chá sem saber ao certo o que estava fazendo.

— Githa...

— Apenas vá, por favor — repetiu exasperada.

Ela conseguiu manter o controle até Henry partir. Depois que ele se foi, ela





desabou. Ficou sentada na cozinha por um longo tempo, chorando, desolada.

Não queria ver Henry de novo, estava decidida. Ele não a amava e, mesmo que a amasse, nunca conseguiria ter um relacionamento sólido com uma mulher. Mesmo que nada daquilo tivesse acontecido, seu envolvimento com Henry não teria ido adiante. Como dizer a ele que estava grávida agora, como?

Githa queria aquele filho e o teria sozinha, bem longe de Londres.

Em poucos dias, Githa colocou a casa e tudo o mais à venda. O corretor lhe disse que o negócio seria fechado com facilidade, pois casas como aquela eram sempre vendidas rapidamente.

— Mas você não pode ir embora agora — lamentou Jenny. — Eu gosto de ser sua vizinha, Githa.

— Também gosto de ser sua vizinha, mas tenho que ir. Preciso recomeçar minha vida longe daqui, Jenny.

O cheque da Varlane já havia sido depositado e não havia motivos para Githa adiar a mudança. Começaria uma vida nova com seu bebê num lugar em que Henry nunca pudesse encontrá-la.

Ela subiu até o quarto e começou a empacotar alguns pertences pessoais. Vestidos caros, sapatos e malas importadas e um velho álbum de fotografias. Será que sua mãe ficara feliz quando descobrira que estava grávida? Githa concluiu que sim. Sua mãe era casada com um homem que a amava muito, ao contrário dela.

Mas Githa também estava feliz, de certa forma. Faria de tudo para que seu filho crescesse cercado de amor, num lar sólido e equilibrado.

Esvaziou as gavetas do criado-mudo e todas as lembranças do terrível pesadelo que vivera nos últimos meses.

Ligou para Elaine, sua agente, para agradecer por tudo o que tinha feito por ela. Githa estava determinada a esquecer para sempre sua meteórica carreira de modelo.

Nada mais a excitava naquele mundo de luxo e glamour. E ela sabia que em algum lugar sempre restaria uma cópia daquela maldita foto para ameaçar seu sucesso.

Consciente de que Henry poderia voltar a qualquer momento, levou as malas para porta da frente e saiu para se despedir de Jenny. Ela mal acabara de descer os degraus na frente da casa quando uma voz familiar despertou-lhe a atenção.

— Aonde pensa que vai? — Henry estava em pé ao lado da porta de entrada.

— Posso fazer o que quiser. Vá embora! — retrucou Githa, surpresa com a presença dele.

— Não, não vou.

— Não quero ver você nunca mais, Henry.

— Ainda não consegui descansar, Githa. Você não sai da minha cabeça. Vai mudar-se? Por que está tão agitada?

Ela lembrou-se da gravidez. Talvez o fato de estar esperando um filho a deixasse mais nervosa que o normal. Githa voltou para dentro da casa e Henry a acompanhou.

— Por que resolveu ir embora? — perguntou ele.

— Você foi embora muito antes.

— Sim. E estou arrependido do que fiz.

Ele caminhou até a cozinha e abriu os armários até encontrar a chaleira, que levou ao fogão com água.

— Você pretendia deixar tudo aqui? Copos, pratos, tudo? — perguntou, voltando para a sala.

— Quero começar uma vida nova.

— E pensou em fazer isso bem longe de mim, não é mesmo? — Henry fitou o rosto abatido de Githa. — Sinto falta do que tínhamos, Githa.

— Tarde demais.

— Não seja tola como eu, Githa. Está reprimindo seus sentimentos. Também lutei contra a vontade que sinto de ficar ao seu lado, lutei com todas as minhas





forças. A verdade é que não tenho como controlar meus sentimentos. Sinto sua falta.

— Sente?

— Sim. — O apito da chaleira o interrompeu. — Quer um café? Um chá?

— Não, obrigada.

Githa estava em pânico. Tinha medo de falar qualquer coisa. Uma palavra poderia levar a outra, e não podia brincar com a astúcia de Henry.

Ele fez café, serviu duas xícaras e levou-as para a sala, numa bandeja.

— Olhe para mim, Githa.

Ela percebeu quais eram suas intenções. Ele queria tocá-la mais uma vez. Githa podia ver o desejo nos olhos cinzentos de Henry.

— Não me toque!

Ele franziu a testa e examinou minuciosamente seu rosto.

— O que aconteceu?

— Nada.

— Está mentindo.

— Nada, não aconteceu nada! — ela gritou. — Agora, vá embora — implorou.

— Você está doente?

— Não.

— Então, o que foi?

— Nada.

— Não acredito em você. Vamos, diga qual é o problema.

Githa fixou o olhar num ponto distante. Estava se sentindo pressionada e sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria de confessar toda a verdade.

— Pelo amor de Deus, Githa, me diga! Estou ficando preocupado. O que foi?

Ela enterrou o rosto nas mãos, tentando esconder os olhos rasos d'água. Não tinha outra escolha.

— Estou grávida, Henry.

CAPÍTULO VIII

Henry olhou para Githa em silêncio, por alguns segundos.

— Você havia me dito que estava...

— Tomando pílula — Githa concordou. — E era verdade. Mas devo ter esquecido de tomar um dia ou dois. E não me olhe desse jeito. Eu não fiz de propósito. Não quero que se preocupe com esse assunto. Isso é um problema meu.

— É claro que me preocupo! Você ia embora sem me contar que estava grávida, Githa? — Henry questionou irritado.

— Sim.

— Esse filho também é meu. Não permitirei que vá embora sozinha esperando um filho meu. Vamos nos casar e...

— Não seja ridículo — interrompeu ela rapidamente. — Isso não acontece mais. Nenhuma mulher precisa se casar só porque ficou grávida. As pessoas se casam porque se gostam, não porque terão um filho. Seria um erro muito maior.

— Acha que nos casarmos seria um erro?

Githa balançou a cabeça afirmativamente. Quanto mais ela falava, mais aliviada se sentia. Estava tirando um grande peso de suas costas. Henry era o pai de seu filho e precisava saber sobre sua gravidez.

— Você mesmo me disse que nunca sonhou em se casar, ter uma esposa, uma família. Não é certo que abra mão de sua liberdade só porque estou grávida.





Existem outras formas de resolver essa situação.

— Aborto? Não, nunca! — ele descontrolou-se. — Não quero que faça isso, Githa.

Ela jamais havia pensado nisso. Desde o primeiro instante, queria aquele bebê. Sabia que as condições em que ele nasceria não seriam as melhores; sem pai, sem família, a mãe desempregada. Mas um sentimento mais forte já a ligava àquela criança.

— Não! Não farei um aborto. Só não quero me casar — ela explicou calmamente. — Vou até a cozinha buscar um chá para mim.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntou Henry, fazendo menção de segui-la.

— Não. Estou somente com vontade de tomar um chá.

— Fique sentada. Eu buscarei para você.

Henry levou o chá até a sala e sentou-se de frente para Githa.

— Eu não fiz de propósito, Henry.

— Eu sei. Acho que ainda estou em estado de choque. É uma grande e inesperada novidade.

— Para mim também.

— Pai... Que loucura! Eu vou ser pai... — Henry esboçou um leve sorriso de contentamento. — Já foi ao médico?

— Não, ainda não.

— Mas precisa ir, não precisa?

— Sim.

Henry tomou mais um gole de seu café e suspirou.

— Por que você não quer se casar comigo?

— Você sabe por quê.

— Porque você pensa que eu não a amo?

— Não. Porque eu sei que você não me ama. Eu sinto muito por tudo isso.

Githa olhava para o líquido quente dentro da xícara de chá. Sentia-se desprotegida e perdida. Seus olhos estavam carregados de tristeza e lágrimas.

Mesmo com os olhos inchados e o nariz vermelho, Githa era uma mulher maravilhosa, pensou ele. Henry a olhou com cuidado e procurou algum detalhe novo. Era a mesma Githa de antes, especial, meiga, determinada. Mas agora ela estava grávida e não podia decidir o seu futuro e o do bebê sozinha.

— Cindy distorceu a verdade a seu respeito. Você não é nada do que ela havia dito para todos nós — ele observou com calma. — Eu quero esquecer tudo o que ela me disse e conhecê-la como você é realmente.

— Não, não há nada mais para discutir. Eu gostava de você e agora...

— Eu errei, sei disso. Mas preciso que me ajude a consertar esse erro. Estava influenciado por Cindy. Eu a conhecia desde pequeno, enquanto você era apenas uma miragem sedutora e irresistível que eu via na televisão e nas revistas. Mas agora você é real e eu não posso dizer que lamento que esteja grávida.

Githa baixou os olhos e secou as lágrimas.

— Cindy disse que foi nojento.

— O quê? — Henry perguntou antes de tomar mais um gole de café.

— Nós. Ela nos viu, no chão da cozinha.

— E daí?

— Você não se importa? — indagou ela, erguendo os olhos.

— Não. Por quê, deveria? A opinião de Cindy não me interessa mais. E eu não achei nojento. Você achou?

— Não... — Githa desviou os olhos em direção à janela. — Sempre achei que tivesse sorte. E acho que tinha, até pouco tempo atrás.

— Perder os pais quando se é um bebê não pode ser considerado sorte.





— É verdade — concordou ela. — Mas eu tive sorte de ter uma tia adorável que cuidou de mim como se fosse uma filha. Ela era amável, doce, meiga.

Githa pensou em seu filho. Ele jamais veria os pais juntos e felizes. E ela nem tinha certeza se seria uma boa mãe.

— Cindy se considerava a mulher mais infeliz do mundo por seus pais terem morrido quando ela era criança. Nunca reparou na sorte que teve ao ser acolhida por pessoas tão generosas e atenciosas. Passou toda a infância e adolescência brigando com seus pais adotivos e com o destino.

— E onde estão eles, os pais adotivos de Cindy?

— Fui vê-los enquanto você estava viajando. Eles moram em Norfolk, agora. Deixaram o chalé para ela. Ninguém os conhecia direito quando eles moravam lá. Eram um casal quieto e muito reservado. Só conhecíamos a versão de Cindy sobre eles. Estávamos enganados a seu respeito, por que não estaríamos enganados a respeito deles também? Fui ao encontro deles conferir se tudo o que ela nos dizia era verdade.

— E então?

— Cindy mentiu sempre. Acho que nem ela sabia mais se o que dizia era verdade ou não.

— Você contou a eles o que aconteceu?

— Mais ou menos. Não tive coragem de contar tudo. Mas eles não pareceram surpresos. Cindy nunca aceitava o que eles davam para ela. Tudo que eles diziam ou faziam estava sempre errado. Ela queria a lua e não se conformaria somente com as estrelas. Eles não eram os pais biológicos dela e ela os acusaria disso para sempre. Disseram que ela sempre foi muito revoltada e que fazia com que todos pensassem que eles eram cruéis. Mas não eram. Cindy nunca vai visitá-los, e não mantém nenhum contato.

— Eu sei. Eu sempre senti muita pena dela.

— Você e todo mundo.

— E eu pensei que nós tínhamos um elo em comum por termos perdidos nossos pais logo cedo. Um elo que nunca iria se desfazer. Mas Cindy nunca percebeu como estava errada não aceitando as coisas que a vida lhe oferecia. Ela preferiu invejar minha sorte e o amor que eu recebia das outras pessoas. Cindy costumava passar comigo, na casa de minha tia, as férias escolares. Minha tia sempre a mimava, tentando compensar a vida triste que ela tinha em casa. Se ela soubesse a verdade...

— Existe uma grande diferença entre vocês duas, Githa. Você olha sempre o lado positivo das coisas e Cindy não. Ela só consegue enxergar o lado negativo de tudo.

— Sim. Oh, meu Deus! E sua mãe? Vai contar a ela sobre o bebê?

Henry sorriu ternamente.

— Claro que sim. Seria muito imprudente tentarmos esconder isso dela. Se por acaso ela viesse a descobrir de outra maneira... O problema de minha mãe é que ela acha que sabe o que é melhor para todos. Se você quiser algo e ela achar que aquilo é bom para você ela irá até o fim do mundo para ajudar. Caso contrário, esqueça! Aprendi desde cedo a não dizer nada a minha mãe, nem o que gostava nem o que não gostava. Fui obrigado a fazer aulas de piano durante anos só porque quando eu tinha cinco anos, mencionei uma vez que tocar piano era bonito.

Githa sorriu e Henry sentiu-se mais confiante para prosseguir. Com um sorriso, continuou:

— Meu pai foi obrigado a jogar golfe. Foi com ele que aprendi a manter a expressão dura e parecer pouco simpático. Afasta as pessoas. Com minha mãe funciona muito bem.

— Tornou-se frio e indiferente.

— Eu sei. Não posso precisar exatamente quando adotei com todo mundo o papel que fazia em casa com minha mãe, mas sei que isso aconteceu. Antes de conhecer você, minha vida tinha se tornado um tédio. Não existiam mais manuscritos novos e excitantes para ler. Todos pareciam iguais. Nenhuma mulher instigava mais meu interesse, para o desgosto de minha mãe. Ela sempre quis que eu me casasse. Quando eu contar a ela sobre o bebê, Githa, esteja preparada, porque ela vai voltar todas suas atenções para você.





— Isso não vai acontecer. Sua mãe não gosta de mim — ela argumentou tristonha.

— Minha mãe não é uma pessoa amorosa, mas ela tem um profundo senso de responsabilidade e dever. Será uma excelente sogra e avó, tenho certeza disso. Ficarão tão envolvida com os preparativos do casamento que não terá tempo para discussões inúteis.

— Não, Henry. Eu não quero... — Githa estava determinada a levar a vida sozinha, longe de Henry.

— Está decidida, então? Quer mesmo partir?

— Sim. — Os olhos dela estavam tão vazios quanto seu sorriso.

— Mas está sem emprego.

— Eu sei. Conseguirei emprego no escritório de alguma companhia aérea. E o que espero... — respondeu ela pouco entusiasmada.

— Ficarão feliz?

— Tenho tentado recuperar minhas forças, voltar a acreditar na vida e nas pessoas. Mas meus esforços parecem estar sendo inúteis. Quero me afastar de tudo que me lembre meu passado, Cindy... e você.

— Não pode me perdoar e esquecer tudo o que aconteceu?

— Não — ela disse com sinceridade. — Porque não posso me perdoar por tudo o que aconteceu entre nós. Eu nunca deveria ter tido um caso com você. Fui ingênua me arriscando, me apaixonando por você. Você nem mesmo gosta de mim.

— Eu já não tenho tanta certeza disso, Githa — disse Henry.

Githa sentiu seu peito apertar de emoção. Henry estaria também apaixonado por ela? Ele parecia estar sendo honesto com ela. Será...

— Como podemos nos casar? Eu não conheço você, Henry, e acho que nunca conheceria. Você nunca permitiria que alguém o conhecesse de verdade.

— Tudo o que mais desejo agora é que possamos nos conhecer de verdade. Eu quero que você me conheça, Githa, e quero conhecê-la também.

— Agora é tarde demais.

— Não, não é. E eu não digo isso por causa do bebê... Começamos nosso relacionamento de maneira errada. Cindy nos manipulou e interferiu em nossos sentimentos. Mas sempre desejei você, desde a primeira vez em que a vi. Eu nunca havia me sentido dessa maneira. Nunca senti a necessidade de estar próximo de alguém o tempo todo como sinto com você. Nunca senti tanta atração por alguém. E sei que você também nunca havia se sentido assim. Voltei até sua casa hoje para que pudéssemos... sei lá, recomeçar.

— Eu entendo o que você sente, Henry. Mas não podemos nos casar só porque nos sentimos atraídos um pelo outro. Não é o suficiente.

— Eu sei disso. — Ele pousou a mão delicadamente sobre a de Githa.

— Não me toque, por favor — pediu ela.

Henry não acatou o pedido. Ignorou a relutância de Githa e continuou segurando suas mãos.

— Gosta de ópera? — ele perguntou.

— Ópera? — ela replicou surpresa. — No estado de espírito em que me encontro, assistir a uma ópera seria o bastante para...

— Deprimi-la? — ele perguntou sorrindo. — Então, não gosta de ópera?

— Não. Por quê, você gosta?

— Não, não gosto muito de ópera. E ballet?

— Esqueça, isso não vai funcionar.

— E por que não?

— Porque não podemos apagar nosso passado de uma hora para outra. Ainda estou magoada, ofendida. Minha vida perdeu o sentido e tudo o que tenho agora é o bebê...





— Será que não consegue me ver e não lembrar de Cindy? Está me culpando por tudo o que aconteceu? Sim, é isso. Acha que se eu não a tivesse seduzido ainda estaria com seu emprego e não estaria grávida.

— Não! Por favor, tente compreender. Não estou me negando a tentar... eu disse tentar... conhecer você. Mas não sei como esse relacionamento pode terminar e tenho medo de me machucar ainda mais.

— Considera minha proposta, então? — ele perguntou mais calmo. — Aceita se casar?

— Não — ela negou. — Precisamos nos conhecer primeiro.

— Entendo. Mas há um bebê...

— Eu sei que há um bebê! — Githa levantou-se, agitada. — Não vou me casar com você só porque estou grávida. Meu bebê...

— Nosso bebê, você quer dizer — corrigiu ele.

— Sim, nosso bebê. Eu não...

— Está convicta de que não precisará de mim e que nosso filho poderá viver sem um pai, é isso?

— Não era isso que eu ia dizer. Mas eu posso cuidar dele sozinha. Sou bem capaz...

— Até o bebê dar o primeiro espirro e você ter uma crise de choro, Githa.

— Pare com isso! — ela disse. — Suponhamos que Cindy descubra que vamos nos casar? E se ela resolver voltar a nos atacar?

— Ela não vai fazer isso — declarou Henry com firmeza.

— Como pode ter tanta certeza?

— Sente-se e procure se acalmar. Não é bom ficar nervosa no seu estado. O bebê...

— Você não sabe nada sobre bebês! — disse ela voltando a se sentar.

— Mas vou aprender. Pare de tentar se defender, de me afastar de sua vida. Você não fez o bebê sozinha. Não pode me excluir dessa forma.

— Eu não estou excluindo você — ela murmurou. — Não pensei que você fosse ficar feliz com a idéia de ser pai. Você disse no chalé...

— Por favor, vamos esquecer tudo o que eu disse no chalé, certo?

— Mas você disse que nunca quis ter filhos, nem uma esposa. Foi o que você me falou...

— Lembro exatamente o que falei. Tenho uma memória excelente. Podemos voltar a falar sobre Cindy?

— Como sabe que ela não vai voltar? — perguntou ela.

— Ela foi para a Austrália.

— Austrália? — Githa franziu a testa, surpresa.

— Sim. Pediu transferência na companhia aérea para a Austrália. Se ela decidir voltar para magoá-la novamente sabe que vai se arrepender disso pelo resto de sua vida. Cindy me conhece e sabe que nunca deixo de cumprir minhas promessas.

Os olhos cinzentos de Henry encheram-se daquele brilho frio e distante mais uma vez. Alarmada com a súbita mudança de comportamento, Githa abaixou os olhos e perguntou em tom de voz baixo:

— Você a ameaçou?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Isso é um problema meu e de Cindy.

— Você vai manter contato com ela na Austrália?

— Não. Posso tocá-la agora?

— Não.

— Até quando vai insistir com essa história absurda de ficarmos distantes um do outro, Githa?

— Eu não sei.

— Tem medo de que eu a toque e que não consiga mais levar adiante esse





plano idiota de mudar-se para longe.

— Henry...

— Desista, Githa — interrompeu ele. — Não a deixarei partir sem lutar até o final.

— Não posso me magoar novamente, não posso.

— Eu não quero magoar você.

— Mas você já me magoou.

— Eu sei.

— Deixe-me partir sozinha. Mereço uma chance de refazer minha vida, não é mesmo?

— Sim. Mas não longe de mim.

— Eu não queria que fosse assim. Queria que meu bebê tivesse uma família unida, forte, feliz.

— Então, me dê uma chance, Githa. Não jogue nosso futuro fora. Não deixe o que Cindy fez nos afastar para sempre. Era isso o que ela mais queria. Nos ver separados, infelizes. Não a deixe vencer.

— Não a estou deixando vencer. Será o melhor para nós, Henry. Confie em mim.

— Não pode estar falando sério! O melhor para nós? E como acha que viverá longe de mim?

— Da mesma forma que eu sempre vivi. Se alguma vez pensou que eu pretendia ser sustentada por você, enganou-se. Eu posso arrumar um emprego até o bebê nascer. Depois, tenho algumas economias guardadas que podem nos manter seguros por algum tempo. Etienne foi generoso quando encerrou o nosso contrato.

— Não precisa disso, Githa — ele a lembrou. — Venha morar comigo. Poderá encontrar um trabalho que a satisfaça depois que o bebê nascer. Guarde o seu dinheiro, invista-o em outra coisa.

— Não.

— Tudo bem. Faça como quiser — ele concordou exausto. — Não precisa sair da cidade. Pode encontrar um trabalho por aqui mesmo. Ainda pretende vender a casa?

— Não sei — ela replicou cansada. Fitou os olhos tristonhos de Henry antes de questioná-lo. — Desistiu de tentar me convencer a casar com você?

Ele respondeu com voz suave:

— Não. É tudo o que eu ainda consigo pensar para nós. Mas não posso obrigá-la a fantasiar comigo um futuro que você nem sequer se permite visualizar.

Githa sentiu um frio no estômago e foi incapaz de desviar os olhos dos dele.

— Não sei se posso confiar em você — sussurrou.

— Acreditaria se eu promettesse jamais magoá-la outra vez?

— Não.

— Nem eu — ele confessou. — Não posso prometer isso a você, Githa. Nem você pode me prometer isso também. Mas posso lhe garantir que estou disposto a tentar. E você?

— Não sei ainda.

— Um mês, Githa. Quatro semanas.

— Para quê?

— Para que eu tente convencê-la de que as coisas podem ser diferentes do que imagina. Vamos nos conhecer aos poucos, sem pressa. Aí, então, você decide o que irá fazer com o seu futuro.

— Sem me tocar? — ela insistiu.

— Tudo bem — Henry concordou relutante.

Githa olhou para a expressão cansada de Henry e tentou adivinhar há quantas noites ele estava sem dormir direito. Sentiu vontade de abraçá-lo, beijá-lo, mas preferiu cumprir o acordo combinado.

— Precisa descansar agora. Vá para casa e durma um pouco.

— Não vai aproveitar e fugir enquanto isso, não é mesmo?

— Não.





— Promete?

— Sim. Vou esperar um mês antes de mudar-me de Londres com o meu bebê.

— Nosso bebê, Githa...

— Desculpe-me, nosso bebê.

Henry levantou-se devagar e antes de sair voltou-lhe os olhos e sorriu.

— Eu telefono quando acordar.

— Sim — respondeu ela caminhando até a porta.

Ele pensou em levar a mão até os cabelos de Githa, mas lembrou-se imediatamente de sua promessa.

— Não será fácil, Githa.

— Eu sei.

— Ainda quer insistir nisso?

— Sim.

— Justo. Não esqueça de falar com o corretor de imóveis para ele retirar essas placas do jardim.

— Pode deixar.

— E de marcar uma consulta com o seu médico, também.

— Não esquecerei.

— E...

— Até mais tarde, Henry — ela o interrompeu. Sentia-se cansada com a longa conversa que tiveram.

Ele virou-se e partiu. Githa não sabia se estava sendo tola demais em pedir-lhe que não a tocasse. Um mês sem se tocarem seria muito difícil, para ambos.

Mas ela precisava ter certeza de que existia algo além do desejo físico entre eles. Tinha de haver algo mais. Tinha. Mas e se não houvesse? Então ela iria embora e teria o bebê longe de Londres e de Henry.

Uma semana se passou. Uma semana muito tumultuada.

Githa nunca havia percebido quantas vezes se tocava outra pessoa durante um dia. Tocava-se o braço para despertar a atenção do outro, para segurar o passo ao atravessar a rua, para tirar um fio preso na roupa. Mas entre Henry e ela não podia haver nada disso, muito menos beijos, abraços e apertos de mão. Pelo menos, não, por enquanto.

Na sexta-feira seguinte Githa sentiu-se angustiada com a situação pela primeira vez. Estava com os nervos à flor da pele, nervosa como um cavalo arisco. O desejo de acariciar Henry era como uma faixa apertada em volta de seu peito, esmagando e apertando suas costelas, comprimindo seus pulmões, deixando-a sem ar. Henry não parecia estar muito diferente dela. Era um homem prestes a explodir a qualquer instante.

No primeiro dia parecera uma brincadeira divertida, mas no sétimo dia já não parecia nada engraçado evitar o contato entre eles. Iam ao teatro, saíam para almoçar, para jantar, porém nunca estavam sozinhos.

Naquele dia, dentro de poucos minutos Henry a pegaria para acompanhá-lo num jantar literário no Hotel Sheraton.

Um de seus autores fora nomeado para receber um prêmio importante naquela noite.

Githa sentia-se muito tensa com a proximidade do horário em que Henry iria buscá-la em casa. Um leve enjôo ameaçou impedi-la de se vestir, mas seria impossível recuar diante de tão importante compromisso, pensou ela nervosa.

Olhando-se no espelho, Githa percebeu sua expressão de descontentamento. Pegara no armário um vestido preto sofisticado, cortesia da época em que trabalhara com Etienne Varlane.

Não o usaria por muito tempo, pensou ela. Logo sua gravidez começaria a aparecer.

O exame médico havia confirmado a gestação. No mês seguinte ela faria um primeiro exame de ultra-som e somente então poderia, finalmente, ver o bebê.





Nenhuma protuberância marcava o contorno de seu corpo bem delineado. O bebezinho dentro de sua barriga nem parecia real, pensou ela, conferindo as linhas do luxuoso vestido que desnudava os ombros e caía-lhe até os pés. A peça vestia-lhe tão bem que parecia ter sido moldada sobre seu corpo.

Calçou sapatos de salto alto e conferiu o conteúdo da pequena bolsa dourada que usaria naquela noite. Estava tudo lá: chaves, batom e espelho. Nada poderia dar errado, pensou ela colocando um par de brincos de ouro e uma delicada gargantilha no pescoço. Era impressionante o que a maquiagem podia fazer por uma mulher, refletiu enquanto se admirava-se no espelho do quarto. Seus cabelos penteados com extremo cuidado balançavam sensualmente sobre seus ombros.

Ela, assim como seu bebê, não pareciam reais. Não era a mulher de sempre, a Githa de todo dia. Parecia uma boneca e com certeza chamaria a atenção de todos. E se houvesse fotografos na recepção? E se eles a reconhecessem? Se tivessem visto sua foto nua no jornal? A garota Varlane...

A campanha tocou, fazendo-a pular de susto. Githa procurou se controlar. Não podia passar o resto da vida com medo de ser reconhecida. E, de qualquer maneira, passar toda uma noite ao lado de Henry sem tocá-lo era um suplício muito maior do que qualquer outro.

Respirou fundo e desceu as escadas vagarosamente.

Henry ficou imobilizado ao vê-la abrir a porta sorridente. Seu olhar percorreu o corpo de Githa dos pés a cabeça.

— Meu Deus! — Ele suspirou.

Githa sentiu-se compelida a desistir ali mesmo das condições que impusera para que continuassem se vendo, dias atrás. Ela nunca o tinha visto num traje tão formal e elegante e parecia ser incapaz de desviar os olhos de cima dele.

— E o táxi? — perguntou, sentindo as pernas bambas. Henry apontou para um carro parado logo em frente à casa.

— Podemos ir? — ele perguntou meio sem jeito.

— Sim — ela respondeu sorrindo, sem imaginar o pesadelo que a aguardava.

A festa estava péssima. Githa não conseguia se concentrar em nada que ouvia. Não sabia nem se tinha algo para ouvir. Não tinha visto o autor receber o prêmio e nem reparado nos fotografos. Ela comeu o que lhe serviram, sem questionar. Só tinha olhos para Henry e nada mais. Cada nervo, cada célula de seu corpo estava sintonizada nele. Quando o jantar acabou, finalmente estavam livres para rodar o salão e se misturarem aos outros convidados. Githa sentiu-se aliviada. Poderia inventar alguma desculpa para afastar-se de Henry por alguns minutos. Era o que precisava. Alguns minutos para recompor-se e então...

Um degrau inesperado no caminho a fez desequilibrar-se. Githa teve medo de cair ao chão e levou a mão até o braço de Henry para apoiar-se. Ela não tivera tempo para pensar. Quando se deu conta, estava entre os braços de Henry mais uma vez.

— Não tinha um lugar melhor para voltar atrás com seu plano, Githa? — ele murmurou próximo ao seu ouvido. — Vai nos embarçar na frente de todos os convidados — comentou Henry fitando-a intensamente.

Ela sentiu uma onda de tremor percorrer todo o seu corpo. A respiração de Henry perto de sua orelha a enlouquecia. Sua boca estava a poucos centímetros dos lábios dele e nada do que dissesse o convenceria de que não o queria também.

— Não... não quero... embarçar ninguém — ela balbuciou, sentindo a boca seca.

— Então, vou providenciar uma suíte para nós.





CAPÍTULO IX

Mas eu não quero... — sussurrou Githa sem muita convicção.

— Sei que quer tanto quanto eu. Vamos!

Henry terminou de falar e chamou o garçom. Cochichou algumas palavras com o homem e deu-lhe algum dinheiro. O rapaz assentiu e saiu apressado. Henry pegou o braço de Githa e a conduziu até o hall de entrada do hotel. O garçom os estava aguardando em frente aos elevadores, com uma chave na mão. Henry a pegou da mão do rapaz e examinou-a rapidamente. Antes que Githa pudesse falar alguma coisa, ela a empurrou para dentro do elevador vazio.

— Henry... — disse ela ao ver a porta do elevador fechar-se.

— Não.

Ele apertou um botão e encostou-se contra a parede. Tinha os olhos cheios de medo. Medo e necessidade, pensou ela observando-o com cuidado.

O elevador parou e ele se endireitou, mas não olhou para ela e nem a tocou. Apenas saiu e segurou a porta aberta, esperando-a passar. Ela o seguiu por um corredor acarpetado olhando desatenta as inúmeras portas. Henry parou diante de uma delas e a abriu. Fitou-a com expectativa e ela entrou no cômodo escuro.

— Henry... — sussurrou ela mais uma vez ao vê-lo entrar e fechar a porta atrás de si.

— Eu fiz uma promessa — ele disse, aproximando-se devagar e segurando-a fortemente entre os braços. — Mas não posso cumpri-la. Isso está me destruindo.

— Eu sei — ela concordou.

Henry olhou para seu rosto amável e começou a beijá-la com vontade e paixão, depois de uma semana cheia de frustrações.

E Githa sentiu-se perdida. Abraçou-o com tanta força quanto ele a abraçava e o beijou com uma intensidade fervorosa. Ela não conseguia se lembrar de quando nem como se despiram, mas percebeu, de repente, que estava nua e ele também. Ele fazia todas as coisas que Githa precisava, desejava, há tanto tempo que, para ela, parecia uma eternidade.

Nada parecia muito coerente ou racional. Pronunciavam apenas metade das frases, metade das palavras, envolvidos pela necessidade desesperadora de estar cada vez mais perto um do outro.

Os beijos dele eram violentos, não contidos, e Githa correspondia, procurava por eles. Ambos pareciam seres irracionais, insensatos, que sabiam que precisavam daquilo mais do que qualquer coisa no mundo.

Ele a possuiu ali mesmo, no carpete, na frente da porta. Levou-a até o céu. Assim como ela também o levou. Porque ela precisava daquilo tanto quanto ele. E quando Henry estremeceu, e depois arrastou-se com um forte suspiro, Githa fechou os olhos e segurou-o com força, recusando-se deixá-lo ir. Como já havia feito antes. Naquela primeira vez.

Ela se sentiu quase fora de seu corpo. Trêmula, ofegante, com as pernas entrelaçadas no corpo dele, segurou-o ainda mais forte.

Abraçado a ela, Henry murmurou:

— Githa...

— Não se desculpe — ela implorou.

— Não.

— Não diga que você não pôde evitar, que eu não devia tê-lo tocado. Não diga nada desse tipo.

— Não.

Eles ficaram ali deitados por alguns minutos mais, abraçados.

— Henry?

— Sim.

— O que você ia dizer?

—





— Que eu não consigo respirar. Ela riu, e depois soluçou.

— Ah, Henry...

Diminuindo a pressão contra as costas dele, ela permitiu que ele se movesse e levantasse a cabeça. Ele fitou seus olhos castanhos e contraiu os lábios.

— Não está brava? Githa balançou a cabeça.

— Eu estava me sentindo como uma panela de pressão.

— Sem válvula de escape — ela concordou rindo.

— Isso mesmo.

— Eu perdi o controle sobre mim mesma ainda na porta de minha casa quando você foi me pegar — ela confessou.

— Eu também. Eu te desejei a semana inteira. Não trabalhei, não li nenhum manuscrito. Tudo que eu tocava, eu sentia como se fosse você. Tudo que eu via me lembrava você. Até ao médico eu fui, para saber se não havia problema em fazer amor com uma mulher grávida.

— E o que ele disse? — ela perguntou.

— Que não tinha problema. Ele pareceu até achar engraçada a minha pergunta.

— Sim. Eu também acharia. — Githa riu.

Henry resmungou, deu um sorriso lento e absolutamente devastador e depois começou a rir.

— Isso não é engraçado, sabia? Todos nós precisamos de conselhos alguma vez na vida.

E eles riram ainda mais. Henry dava pequenos gritos de alegria que a faziam rir junto com ele de sua alegria. Quando finalmente ele conseguiu se controlar, deitou-se de lado, abraçando-a com ternura.

— Como os poderosos caem... — disse ele. — Eu pensei que fosse um companheiro sensível e na verdade não passava de um tolo arrogante — concluiu suavemente. — E o que quer que seja que você tenha feito comigo, não pare, está bem?

Procurando seus olhos, ela balançou a cabeça e disse tristonha:

— Acho que não posso mais parar.

— Mas gostaria? — ele perguntou gentilmente.

— Não. O que você falou para o garçom?

— Que você não estava se sentindo bem.

— Ele acreditou em você?

— Duvido. Você ainda não viu meu apartamento, viu?

— Não.

— Então, vamos para casa, agora.

Para casa... Githa ouviu as palavras gentis de Henry e perguntou-se se estava preparada para viver ao lado dele. Desvencilhou-se de seus braços com carinho e ergueu-se devagar.

— Aonde pensa que vai? — ele perguntou. Ela balançou a cabeça.

— Vou tomar um banho...

— Então, nos vamos tomar um banho.

— Henry...

— Shh! — Ele levantou-se do chão e a abraçou ternamente. — Por favor, Githa, case-se comigo. Não posso mais ficar longe de você um instante sequer.

E ela queria. Deus do céu, como ela queria se casar com ele!

— Não responda agora — disse, conduzindo-a até o banheiro. Henry achou uma touca para o cabelo e colocou-a nela com delicadeza.

— Por que as fazem sempre tão grandes?

— Nunca pensei nisso — ela disse desoladamente.

— Você está parecendo um coelhinho triste.

Ligando o chuveiro, ele esperou até que água estivesse quente e depois a levou consigo para debaixo do jato. Começou a ensaboá-la gentilmente e começaram tudo de novo. A mesma insensatez, o calor que os derretia





inevitavelmente. Encarando-o, Githa observou seus olhos escuros, sonolentos, e resmungou ao tocá-lo.

— Isso é absurdo — sussurrou contra seu peito. Despreocupada, sem se importar com a água deslizando em seu rosto e destruindo sua maquiagem, arrancou a touca dos cabelos e entregou-se ao êxtase.

— Vamos começar tudo de novo, Githa — ele disse com uma voz rouca, enquanto pegava o sabonete.

— E você acha que algum dia vamos sair do banho?

— Sim, porque eu quero você na minha cama. Quero você na minha vida para sempre — disse ele entregando-lhe o sabonete. — Será o melhor a fazer.

— Para mim ou para você?

— Para você — respondeu Henry, saindo debaixo d'água e enrolando a toalha na cintura. Buscou outra toalha sobre a pia e enxugou os cabelos antes de ir para o quarto sem olhar para trás.

Quando Githa saiu do banheiro, Henry já estava vestido e suas roupas estavam penduradas numa cadeira. Com a voz ainda rouca e um sorriso desanimado, ele declarou:

— Não ficarei olhando você se vestir. Não posso. Então vou virar de costas como um cavalheiro, e pegar uma bebida. — Agachando-se diante do frigobar, Henry pegou uma garrafinha de uísque e colocou um pouco no copo.

— Faça isso em silêncio, Githa — ele reprovou.

— Como?

— Posso ouvir suas meias deslizando e isso está...

— Desculpe-me — disse rapidamente.

Ela tentou ser mais silenciosa, mas suas mãos estavam tremendo tanto, sua respiração tão ofegante que aquilo parecia impossível. Ela lembrou-se de quando ele lhe dissera, no solar, que era excitante estar vestido enquanto seu parceiro estava nu. E ela descobriu que também havia algo de nu enquanto seu parceiro estava vestido. E ela o queria. Mais uma vez.

Githa apressou-se em vestir a roupa, depois foi até a penteadeira. Não sobrara nada de sua maquiagem, e nem tinha uma escova para arrumar os cabelos. Secou-os da melhor maneira possível, calçou os sapatos e pegou a bolsa.

— Estou pronta — falou calmamente enquanto Henry se virava para examiná-la.

Ele terminou o drinque, deixou o copo vazio no bar e andou até ela. Não a tocou, apenas ficou parado na frente dela, olhando para seus olhos muito abertos.

— Case-se comigo — ele insistiu. — Por favor, case-se comigo. Eu não agüento outra semana igual a essa. Todo esse sentimento que eu oprimi durante esses anos está me sufocando. Eu te amo, Githa. Não quero passar o resto da minha vida sem você. E não chore — ele implorou. — Por Deus, não chore.

Abraçando-a, Henry apoiou o queixo nos cabelos de Githa.

— A semana inteira eu tive vontade de colocar a mão na sua barriga, mas não pude. Quero estar com você no exame de ultra-som, quero ver meu bebê, quero acompanhar cada dia dessa nova vida que está se formando. E quero você na minha vida, segura, protegida e amada. Não quero mais ficar sozinho, Githa.

Com o rosto no peito de Henry e os olhos fechados, ela deslizou os braços em volta do peito másculo.

— Ah, Henry...

— Diga que sim — ele implorou. — Não consigo imaginar mais a vida sem você. O que mais quero agora é alegria e amor, um bebê para segurar, amar. E eu quero que essa criança saiba quem eu sou. Nunca pensei que um dia iria querer isso, mas eu quero, Githa. Quero isso mais que tudo no mundo. Diga que sim, por favor.

As pessoas decidiam se casar por muito menos e faziam dar certo quando queriam, pensou Githa. E ela queria muito que desse certo. Afastando-se, olhou para





o rosto emocionado de Henry. Não havia mais nenhum sinal de frieza e distância, mas sim suavidade e desamparo. Os olhos cinzentos estavam fixos nela, esperando por sua resposta. Era tão bom sentir-se segura nos braços dele, pensou. Henry não era o tipo de homem que dizia algo somente para agradar. E ela o amava tanto...

— Sim — Githa sussurrou.

Ele fechou os olhos, suspirou, puxou-a para si e enterrou o rosto em seus cabelos perfumados.

— Por quê? — ele perguntou.

— Porque eu te amo — ela disse simplesmente. Henry levantou a cabeça e olhou mais uma vez para o rosto de Githa.

— Então, sorria para mim, Githa — ele pediu. Ela tentou, mas não se saiu muito bem.

— Estou me sentindo um pouco...

— Eu também. Caso você comece a pensar diferente, eu...

— Esqueça isso. Não penso em mais nada que não seja ficar com você.

— É mesmo?

— Sim. A partir de agora, só vou pensar assim — ela prometeu.

— Que bom. Por que não ficamos aqui a noite toda?

— Dormir aqui?

— Ah, não — Henry negou suavemente, com a voz rouca. — Eu não pretendia dormir...

Githa deixou-se hipnotizar pelos olhos dele e finalmente conseguiu sorrir.

EMMA RICHMOND nasceu durante a Segunda Guerra Mundial, no norte de Kent, Inglaterra, quando, segundo ela, "fazendas eram a regra e rodovias não existiam". Sua infância foi cheia de entusiasmo e aventura. Ela descreve a si mesma como uma pessoa amável e desorganizada, é casada e tem três filhas. Todas já saíram do ninho, talvez por exasperação! O cachorro ficou, com relutância. É uma leitora ávida, uma escritora compulsiva e vovó de primeira viagem. Ama a vida e seu mundo de sonhos e, segundo ela, tudo que falta para que sua vida seja completa é uma empregada!

